

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Lucieli Sodré de Moura

**REESCREVENDO NOVOS HORIZONTES E POSSIBILIDADES PARA
A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DO AMAR E BRINCAR**

Santa Maria,RS
2020

Lucieli Sodré de Moura

**REESCREVENDO NOVOS HORIZONTES E POSSIBILIDADES
PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DO AMAR E BRINCAR**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de concentração na Linha de Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, LP1, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Orientador: Prof. Dr. Valdo Barcelos

Santa Maria, RS

2020

Moura, Luciéli Sodré de
REESCREVENDO NOVOS HORIZONTES E POSSIBILIDADES PARA A
EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DO AMAR E BRINCAR / Luciéli
Sodré de Moura.- 2020.
78 p.; 30 cm

Orientador: Valdo Barcelos
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2020

1. Humberto Maturana 2. Gerda Verden-Zöllner 3. Amar 4.
Brincar 5. Educação Infantil I. Barcelos, Valdo II.
Título.

Luciéli Sodré de Moura

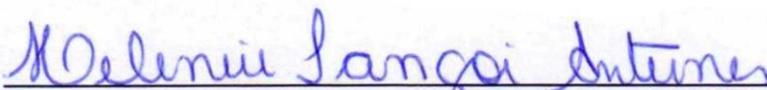
**REESCREVENDO NOVOS HORIZONTES E POSSIBILIDADES
PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DO AMAR E BRINCAR**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de concentração na Linha de Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, LP1, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Aprovado em 07 de Julho de 2020:



Valdo Barcelos, Dr. (UFSM)
(Presidente/orientador)

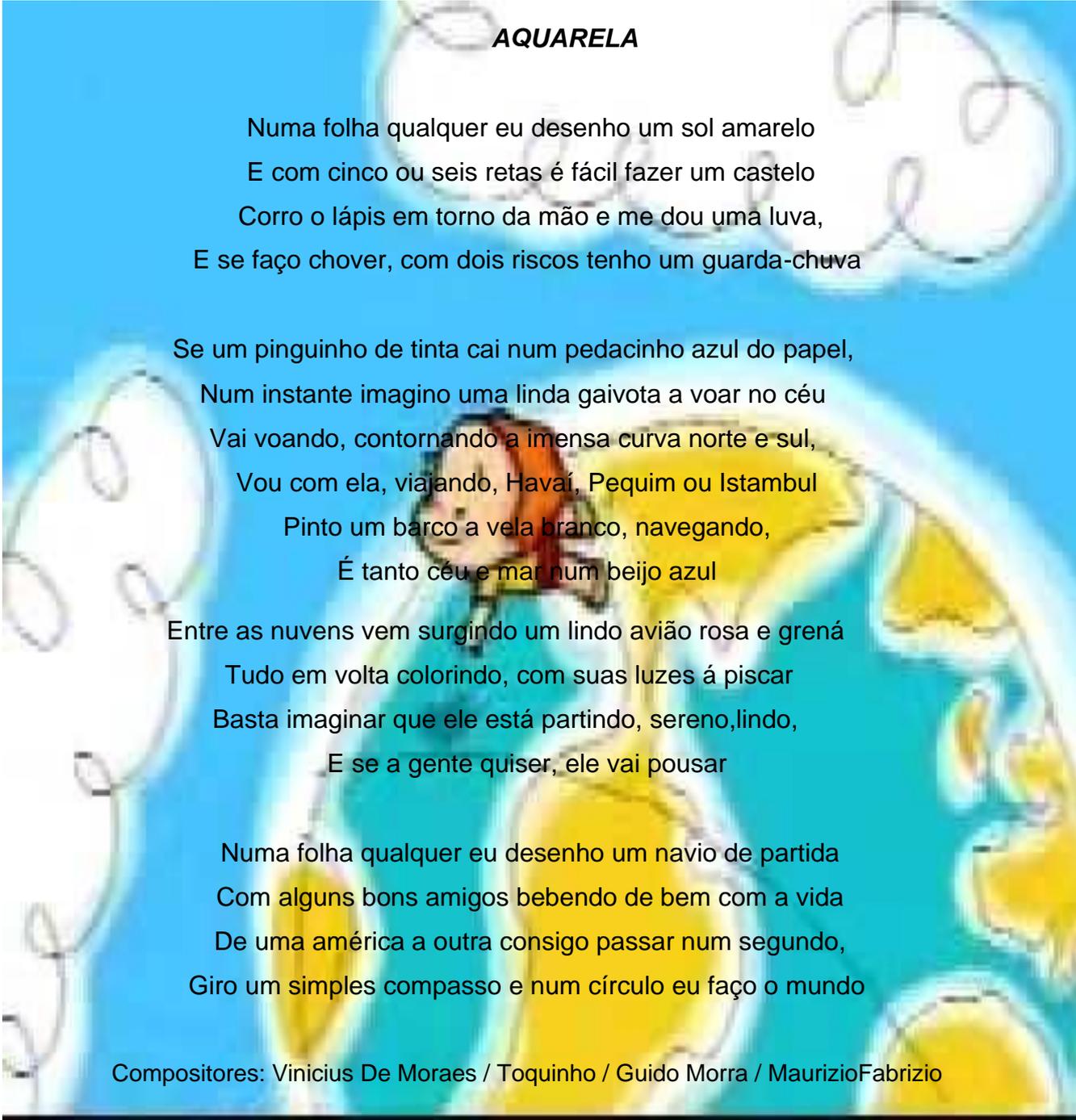


Helenise Sangoi Antunes, Dra. (UFSM)



Maria Aparecida Nunes Azzolin (SEDUC-RS)

Santa Maria, RS
2020



AQUARELA

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva,
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva

Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,
Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu
Vai voando, contornando a imensa curva norte e sul,
Vou com ela, viajando, Havaí, Pequim ou Istambul
Pinto um barco a vela branco, navegando,
É tanto céu e mar num beijo azul

Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo, com suas luzes á piscar
Basta imaginar que ele está partindo, sereno, lindo,
E se a gente quiser, ele vai pousar

Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida
Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida
De uma américa a outra consigo passar num segundo,
Giro um simples compasso e num círculo eu faço o mundo

Compositores: Vinicius De Moraes / Toquinho / Guido Morra / MaurizioFabrizio

AGRADECIMENTOS

Ontem um menino
Que brincava me falou
Hoje é a semente do amanhã
Para não ter medo
Que este tempo vai passar
Não se desespere, nem pare de sonhar
Nunca se entregue
Nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será
(Nunca pare de Sonhar – Gonzaguinha)

Início os meus agradecimentos com esta música que me é marcante e reflete o percurso dessa trajetória que considero inicial e muito significativa para mim. Como em qualquer estrada temos pedregulhos que muitas vezes faz com que tropeçamos, caímos, e levantamos. Isso acontece por muitas vezes, que pensamos em desistir. Mas quando olhamos ao nosso redor vejo que sempre há alguém que nos estende a mão e ajuda a curar os “ralados”, fazendo com que os dias nublados tornem-se dias de sol a brilhar. Por mais que os desafios da vida nos derrubem, há pessoas que nos sustentam para que a esperança e a fé sempre prevaleçam, pois com nossos sonhos podemos realizar tudo. Cabe registrar, em especial:

Agradeço a minha mãe Claudia, que não mede esforços à ajudar os filhos, sempre preocupada no bem-estar dos mesmos, por mais que não estamos sempre juntas, mostrou o valor da família, do amor e da honestidade. Teve muitas pedras em seu caminho, mas nunca desistiu, sempre de cabeça erguida, com fé e esperança, educou seus filhos sem a figura paterna.

Aos meus irmãos, Fabiano e Franciéli, que são anjos com quem sempre posso contar e vice-versa.

Aos meus sobrinhos, Ana Julia, Anthony e Brayan, são seres iluminados que fazem meus dias brilharem e me mostram a cada descoberta a magia do mundo, o amor incondicional, que tudo pode se transformar no que quisermos.

A minha avó Leci, por me cuidar e acolher, me mostrar e ensinar o respeito pelo outro, os valores, a honestidade: foi minha segunda mãe!

A meu querido Avô Secundino, que ao mesmo tempo foi pai, infelizmente não está mais entre nós, levarei seus ensinamentos ao longo da minha caminhada e sei que onde estiveres estará sempre me guiando e iluminando.

Ao Ricardo, meu namorado e companheiro, que sempre esteve ao meu lado, me amparando e apoiando nas minhas escolhas. Obrigada pelo carinho e paciência.

Ao meu Orientador Professor Valdo Barcelos, que me encantou e me mostrou o mundo do amar, do brincar e da infância. Obrigado pelas trocas e confiança.

Aos membros da banca, Prof. Dr^a Helenise Sangoi Antunes, que com muito carinho contribuiu com sua perspectiva e sugestões. A Prof. Dr^a Maria Aparecida Nunes Azzolin, Cida, minha amiga, que sonhou junto comigo esta conquista. Tornou-se minha segunda orientadora. Ajudou-me desde o início, desde o processo de seleção, ajudando em minhas reflexões e escrita.

Às professoras da Educação Infantil Dora, Luna, Bela e Marsha, por aceitarem fazer parte desta pesquisa e pelos momentos de trocas e carinho.

Agradeço a Deus e Nossa Senhora Aparecida, por iluminar e guiar o caminho percorrido e aqueles desafiadores e desconhecidos que irei trilhar.

RESUMO

REESCREVENDO NOVOS HORIZONTES E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DO AMAR E BRINCAR

AUTORA: Luciéli Sodré de Moura
ORIENTADOR: Prof. Dr. Valdo Barcelos

O estudo e percep es que se apresenta está vinculado   linha de pesquisa, Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria – (UFSM), cujo objetivo principal   o de investigar a importância do amar e brincar para o desenvolvimento integral da criança na Educa o Infantil a partir das proposi es de Humberto Maturana e Gerda Verden-Z ller. Estes autores pontuam que o Amar   a emo o que constitui o ser humano, vivenciado através da rela o do beb  com a figura materna, sendo amparado pela confiança, respeitando e aceitando o outro como legítimo outro. A nossa sociedade acredita que somos seres racionais, mas o que rege nossas a es são nossas emo es. Desta forma, o ser humano está priorizando um futuro de realiza es pessoais e profissionais, impondo a nossas crianças desde a infância este objetivo, mas estas rela es não são oriundas do amar. A criança nasce amando, não tem maldade nem preconceito, este modo de viver deveria ser perpetuado, e os adultos deveriam aprender a serem seres humanos com elas. Outro foco do trabalho   o brincar, da mesma forma que o amar   estabelecido pela rela o mãe-bebê, de modo que a figura do adulto deve estar sempre atenta e disponível às necessidades do mesmo. Este brincar deve ser livre, espontâneo e no momento presente, se não for vivenciado desta forma não   brincar.   assim que a criança descobre mundos, seu corpo, seu meio social, sua identidade. Essa magia do brincar na contemporaneidade está sendo perdida, as crianças acabam tendo inúmeras atividades extracurriculares, com o intuito de no futuro sobressaírem-se das demais. Em muitas escolas este brincar também vem sendo destoadado, não há mais o espaço livre para a imagina o, a criatividade, estão cimentados e fechados, não existe natureza, terra e ar. O Amar e o Brincar são fundamentos do ser humano, que estão sendo esquecidos, como pontua Maturana e Verden-Z ller, e precisamos resgatar a sua essência. Dialogando com a forma o de professores buscou-se uma metodologia que pudesse articular prática e teoria com professoras da educa o infantil. Sendo três de escolas públicas e uma da escola particular, através de suas experiências no amar e no brincar. O recurso utilizado para reunir as informa es foi entrevistas semi-estruturadas, gravadas com o consentimento das participantes. As professoras compreendem a relevância do brincar livre e espontâneo para o desenvolvimento biopsicossocial da criança. Porém percebe-se que nas escolas   reduzido o tempo do verdadeiro brincar, substituindo por um brincar pedagógico, com o objetivo de preparar a criança para o futuro. Assim como o brincar, o amar está presente no cotidiano das professoras, pois   nesta rela o de legitimidade do outro como ser singular, que se estabelece a confiança, respeito e aceita o, como ser que traz consigo sua bagagem de conhecimentos e histórias.   preciso visualizar a educa o partindo do amar, do brincar e na/pela convivência, aonde a criança tenha seu espaço para se expressar, ser espontâneo, desenvolver a imagina o e criatividade, vivendo o presente e respeitando o tempo de cada criança.

Palavras-chave: Humberto Maturana; Gerda Verden-Zöller; Amar; Brincar; Educa o Infantil.

ABSTRACT

REWRITING NEW HORIZONS AND POSSIBILITIES FOR EARLY CHILDHOOD EDUCATION FROM LOVE AND PLAY

AUTHOR: Luciéli Sodré de Moura

ADVISOR: Prof. Dr. Valdo Barcelos

The study and perceptions that are presented is linked to the line of research Teaching, Knowledge and Professional Development, of the Federal University of Santa Maria (UFSM), whose main objective is to investigate the importance of love and play for the integral development of children in Early Childhood Education from the propositions of Humberto Maturana and Gerda Verden-Zöller. These authors point out that love is the emotion that constitutes the human being, experienced through the relationship of the baby with the maternal figure, being supported by trust, respecting and accepting the other as legitimate. Our society believes that we are rational beings, but what governs our actions are our emotions. In this way, the human being is prioritizing a future of personal and professional achievements, imposing this goal on our children since childhood, but these relationships are not derived from love. The child is born loving, has no evil or prejudice, this way of living should be perpetuated, and adults should learn to be human beings with them. Another focus of the work is play, in the same way that love is established by the mother-baby relationship, so that the adult figure must always be attentive and available to the needs of the same. This play should be free, spontaneous and in the present moment, if not experienced in this way is not to play. This is how the child discovers worlds, his body, his social environment, his identity. This magic of play in contemporaneity is being lost, children end up having numerous extracurricular activities, with the aim of in the future standing out from the others. In many schools this play has also been lost, there is no more free space for imagination and creativity, they are cemented and closed, there is no nature, land and air. Love and play are fundamentals of the human being, which are being forgotten, as Maturana and Verden-Zöller point out, and we need to recover their essence. Dialoging with teacher training, a methodology was sought that could articulate practice and theory with teachers of early childhood education. Three from public schools and one from private school, through their experiences in love and play. The resource used to gather the information was semi- structured interviews, recorded with the consent of the participants. The teachers understand the relevance of free and spontaneous play for the biopsychosocial development of the child. However, it is perceived that in schools the time of the real play is reduced, replacing it with a pedagogical play, with the objective of preparing the child for the future. Just like play, love is present in the daily lives of teachers, because it is in this relationship of legitimacy of the other as a singular being, that trust, respect and acceptance are established, as a being who brings with him his baggage of knowledge and stories. It is necessary to visualize education starting from love, play and coexistence, where the child has his space to express himself, be spontaneous, develop imagination and creativity, living the present and respecting the time of eachchild.

Keywords: Humberto Maturana; Gerda Verden-Zöller; Love; Play; Early Childhood Education.

SUMÁRIO

1 DAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS À CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO.....	10
2 INTRODUÇÃO À PESQUISA: INÍCIO DE UMA CAMINHADA TEÓRICA.....	14
3 NOVAS POSSIBILIDADES A PARTIR DO AMAR.....	19
4 A CRIANÇA E O BRINCAR: UM NOVO OLHAR.....	26
5 VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO.....	33
6 METODOLOGIA.....	43
7 SOBRE OS ENCONTROS: AS ENTREVISTAS.....	48
8 O BRINCAR E O AMAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS DAS PROFESSORAS.....	50
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	73
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	75
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	76

1. DAS MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS À CONSTRUÇÃO DE UM CAMINHO

A vida é uma corrida que não se corre sozinho. E vencer não é chegar, é aproveitar o caminho sentindo o cheiro das flores e aprendendo com as dores causadas por cada espinho. [...] Pare, não tenha pressa, não carece acelerar, a vida já é tão curta, é preciso aproveitar essa estranha corrida que a chegada é a partida e ninguém pode evitar! Por isso é que o caminho tem que ser aproveitado, deixando pela estrada algo bom pra ser lembrado, vivendo uma vida plena, fazendo valer a pena cada passo que foi dado (BRÁULIO BESSA, 2018, p.22).

Ao revisitar minha história, deparei-me com a lembrança do meu primeiro dia de aula. Foi uma data marcante, pois estava com 5 anos de idade, no ano de 1998. Minha mãe me levava à escola e me acompanhava até a sala de aula. Neste novo ambiente havia muitas crianças, minha professora e pessoas que não conhecia. Fiquei com medo, pois não havia ficado em um ambiente diferente e novo sem a presença materna. Foi então que chegou o momento da separação, momento difícil, por mais que haviam me explicado o que aconteceria, chorei. A professora foi uma pessoa que me acolheu e recebeu com muito afeto. Durou pouco este choro e logo percebi que a professora transmitia confiança e me sentia segura. Foi a partir daí que minha paixão pela profissão começou.

Adorava brincar com minhas primas de aulinha. Como era a mais nova sempre me colocavam como aluna, e a mais velha era a professora. Ela não era como minha professora, era muito exigente e brava. Quando tinha a oportunidade de ter o papel de professora, tentava ser como a minha professora, Marlene, sempre colocando em prática a amorosidade com os alunos. Segundo Maturana (2004), toda a educação é estabelecida pela/na convivência, sendo que esta é possível pelo amar, um meio de estabelecer um compromisso e cuidado, através do respeito e aceitação do outro como legítimo outro.

Ao decorrer dos anos muitas professoras marcaram minha vida, pelas vivências e experiências que cresceram na forma de pensar e de agir. Muitas, não tão intensas como a da minha primeira professora, a Marlene, que me chamava carinhosamente de "mimosa", o que enriquecia meu ego e autoconfiança; assim fui trilhando minhas escolhas, uma delas, foi ser professora, como aquela que tive na pré-escola: carinhosa, amorosa, cuidadosa, que não diferenciava nenhum aluno. Sempre tive uma certeza a de não ser como alguns exemplos de professores que vivenciei: fechadas, sem olhar para o próprio aluno, que quando estava vindo no corredor todos tinham medo.

Quando conclui o ensino fundamental, em minha escola havia a possibilidade de escolher entre fazer o ensino médio ou o curso Normal, dito Magistério e que acabei optando por esse último. No início do ano de 2007 teria que fazer uma prova de seleção para ingressar no curso, tinha muitos candidatos, estava muito apreensiva e os dias não passavam, criando ansiedade para saber o resultado, então, chegou o dia tão esperado: eu e minha prima fomos até a escola saber do resultado, quando visualizei ao lado do meu nome escrito "aprovada" e naquele exato momento não pude conter tamanha felicidade, pois a partir deste dia um dos meus sonhos se tornava realidade e parte do meu destino estaria sendo realizado...seria sim, professora!

No curso Normal tive a oportunidade de ser testemunha de momentos encantadores, principalmente com pessoas que me cativaram. No livro "O Pequeno Príncipe", de Antoine de Saint-Exupéry, a raposa faz uma bela explicação do que é cativar ao menino:

Que quer dizer "cativar"? É uma coisa muito esquecida - disse a raposa. Significa "criar laços"... Criar laços? Claro - disse a raposa. Tu não és nada para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E Não tenho necessidade de ti. E tu também não tem necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. Eu serei para ti única no mundo... Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas (SAINT-EXUPÉRY, 2015,p.65-66).

Nesse espaço de laços e afetos, que carrego como marcas em minha vida, pude compartilhar sentimentos e experiências também com os que eram meus mestres, assim a exemplo dos ambientes acolhedores que permitiram a cada ano novas descobertas e aprendizagens. Tudo passa muito rápido, como num piscar de olhos e já era o pré-estágio na educação infantil e eu imaginava mil coisas positivas que poderia realizar junto às crianças, estava cheia de expectativas! Era época de Copa do Mundo e isso não ofuscou em nenhum momento a estréia de meu trabalho: as crianças estavam ansiosas e eu também. Como lidaria com seres tão mágicos?

A infância passou a dominar minhas ideias e passei a vislumbrar essa importante fase da vida humana, para que novas descobertas emergissem.... Meu estágio final foi com os anos iniciais, um período de trabalho mais longo e o tempo com estas crianças seria maior. Esta proposta de estágio também fez perceber a importância de um bom relacionamento, pautado no carinho, mas havia

necessidade de mais elementos e eu fui em busca de saber mais, então me debrucei em referenciais sobre infância.

Foi em uma aula do curso Normal, na disciplina de Psicologia, que tive a certeza de qual caminho escolher; então na graduação escolhi o curso de Psicologia, mas sem perder o foco na educação e infância.

Durante a caminhada no curso de Psicologia, que iniciei em 2012, encontrei a professora Camilla, que me fascinou com seu método de ensino e sua forma de tocar as pessoas, e que acabou ganhando minha admiração! Nos primeiros dias de aula pensava que “Quando crescesse, gostaria de ser como ela!” e o tempo decorria, os dias passavam, nos aproximando, e por sua influência comecei a refletir sobre o brincar e a infância, que me encantaram e encantam cada vez que busco novos horizontes e caminhos. Nesse encontro com a professora Camilla, deparei-me com uma nova visão, com a apresentação da infância e do brincar com os olhos de Winnicott — este autor compreende a criança através das primeiras relações com a figura materna, e o brincar como sendo essencial para se viver de maneira criativa no mundo, e uma forma de a criança expressar suas vivências e sentimentos.

Ao longo da caminhada no curso de Psicologia, realizei o primeiro Estágio Clínico, e o meu primeiro paciente fora desafiador: uma criança, que me encantou e só permitiu que desvendasse suas demandas através de uma relação de confiança estabelecida entre ambas as partes, em um ambiente regado pelo vínculo e acolhimento. Esse desafio me desestabilizou no início, pois sua principal demanda era o que havia vivenciado há alguns anos atrás, o luto pela morte de um pai, que também foi meu caso, quando da morte de meu avô que desempenhava o papel paterno. Camilla, a orientadora dos meus estágios, proporcionou espaços de liberdade para expressar vivências e sentimentos, onde foi possível que os estágios se desenvolvessem de maneira enriquecedora e significativa.

E o caminho continuou...conheci a professora Maria Aparecida ("Cida") numa escola onde realizei um estágio durante a graduação, e após vencer essa etapa trabalhei como professora pelo projeto do Governo “Mais Educação”; Cida, uma professora que prioriza o relacionamento com seus alunos e o conhecimento prévio que eles carregavam em sua bagagem, mostra-se permanentemente uma pessoa encantadora, que me apresentou Humberto Maturana, um “senhorzinho” magnífico que também se refere à infância e o brincar, e sobre o amar, que define como uma emoção fundamental ao qual constitui o ser humano, através de uma aceitação

mútua de si, do outro e do mundo.

Cida, encantadora e excelente professora, me cativou e nos tornamos grandes amigas, cujo encontro proporcionou trocas de experiências, vivências e produções. Ela havia terminado o seu Mestrado e estava em busca do Doutorado, e da mesma forma que Cida, sempre sonhei desde o início da graduação evoluir para um Mestrado e Doutorado, que buscasse articular educação, infância e o brincar. Acreditava que este sonho estava muito distante da minha realidade, mas nunca desacreditei, e Cida, muito acolhedora, fez acreditar na possibilidade que esse sonho poderia sim ser realidade! Em um de seus cordéis, Bráulio Bessa fala que “Sonhar é verbo. É seguir, é pensar, é inspirar. É fazer força, insistir. É lutar, é transpirar. São mil verbos. Que vem antes do verbo realizar”(BESSA, 218, p.30). Cida, em uma de nossas conversas falou sobre um professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que se dedicava exclusivamente nas bases de Humberto Maturana, o Prof. Valdo. Fiquei instigada para conhecê-lo. Cida me presenteou com o livro “Humberto Maturana e a Educação: educar no amor e na liberdade”, de Valdo Barcelos e Sandra Maders, e me encantei através da leitura, foi então que certo dia, Prof. Valdo veio até a cidade ao qual pertencço realizar uma palestra e acabei conhecendo-o pessoalmente. Sua palestra foi muito dinâmica e reflexiva, ao qual me provocou muitos questionamentos sobre educação, infância e o brincar.

Cida conseguiu passar na seleção do Doutorado como orientanda do Prof. Valdo e convidou-me para participar como aluna especial em uma disciplina do seu orientador. Me senti muito feliz em poder estar presente em um ambiente que iriam conversar sobre temas relevantes ao qual sou apaixonada, senti que meu sonho transcenderia para um estado de realidade.

No final do primeiro semestre abriu vagas para o Mestrado, e justamente com turmas orientadas pelo Prof. Valdo. Cida mais uma vez se mostrou solícita e me apoiou para realizar a seleção: estava com um “frio na barriga”, e fui passando nas etapas, chegando o dia tão esperado do resultado final, e tal qual quando aconteceu no curso Normal, ali estava eu ansiosa... Quando olhei na lista e vi que havia sido aprovada, percebi que sonhar equivale a um combustível, e que insistir e realizar esforços sobre os novos caminhos, sempre será compensador.

Hoje me sinto agradecida ao Prof. Valdo, meu orientador, que confiou no meu projeto e trabalho. Sou mestranda, algo que pareceu algumas vezes tão distante,

mas que agora é realidade! Isto só foi possível, pelos encontros de pessoas que acreditaram e me incentivaram ao longo desta caminhada, que está só começando.

Creio que é pelo amar e pelo brincar e no fluir do viver, que a criança se desenvolve, estabelecendo através das relações o respeito e aceitação mútua. Neste caminho, novos saberes e olhares serão produzidos, transformando meu percurso profissional numa verdadeira simbiose com meu lado pessoal e jeito de ser, onde pelo fluir do viver, com os sujeitos que dividem comigo esta trajetória, possam serem afetados e solidarizar seus projetos em ações.

2. INTRODUÇÃO À PESQUISA: INÍCIO DE UMA CAMINHADA TEÓRICA

Esta dissertação intitulada: “Reescrevendo novos horizontes e possibilidades para a educação infantil a partir do amar e brincar” emergiu por motivos bem pessoais e lembranças de infância, além de exemplos de experiências profissionais, portanto, é um tema bem significativo e pautado em fatos e vivências, que estimulou ao desejo de refletir e estudar sobre os conceitos do amar e do brincar no âmbito educacional. Conceitos que tem como base os pensamentos de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller. O objetivo geral foi o de investigar a importância do amar e brincar para o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil a partir das proposições de Maturana e Verden-Zöller.

Sobre os objetivos específicos, eles são assim constituídos:

- Pesquisar no âmbito da educação infantil as concepções acerca do significado do amar e do brincar, para melhor compreender suas dimensões teóricas e práticas;
- Compreender a trajetória histórica da infância para entender o contexto atual;
- Investigar a relevância do amar e do brincar para o desenvolvimento integral da criança.

Partindo da questão orientadora da pesquisa sobre qual a importância das concepções de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöller acerca do brincar e do amar para o desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil, essa condição promove a reflexão e compreensão de como essas duas subjetividades assumem meios de transformação de acordo como são exercitados/percebidos; então, buscou-se refletir e compreender como os mesmos são vivenciados no cotidiano da

educação Infantil, tanto em escolas da rede pública quanto particulares, considerando a similaridade entre as práticas educativas, o teor e configuração da clientela.

Antes de iniciarmos a conversa sobre as ideias que permeiam o tema da pesquisa, cabe conhecer os autores protagonistas desta dissertação. Maturana iniciou o curso de Medicina, porém depois de três meses de aula, foi hospitalizado, pois estava com tuberculose, em decorrência de sua doença ficou dois anos na cama. Após este período Maturana ficou mais um ano internado no sanatório de Putaendo, em repouso absoluto, assim neste espaço dedicou seu tempo para a leitura, de forma escondida e reflexiva.

Doutor em Biologia pela Universidade de Harvard, ele trabalhou por um período como pesquisador no MIT (Massachusetts Institute of Technology). Retornou ao Chile tornando-se professor, porém não era considerado um professor tradicional. Além da Biologia, Maturana interessou-se por Filosofia, Antropologia, Anatomia, Genética e Cardiologia, e estudou Medicina durante quatro anos.

Sobre Gerda Verden-Zöllner, psicóloga alemã e membro do Centro Bávaro de Pesquisa Educacional, do Instituto Estatal para a Educação na Primeira Infância, é também fundadora do Instituto de Pesquisa de Ecopsicologia da Primeira Infância de Passau, na Bavária.

É pela percepção, principalmente de Maturana e Verden-Zöllner, que busquei pesquisar a relevância do amar e do brincar na educação, compreendendo melhor as relações e vivências no fluir do viver, através da descoberta de novos rumos à educação. Para esse novo percurso devemos perceber que somos seres humanos que têm como base para suas ações a emoção. O amar é fundamental para que o sujeito se desenvolva de forma plena, iniciando desde as primeiras relações com a figura materna e que se perpetuam aos outros contextos, bem como o escolar, pois sobre o amor,

é a emoção, a disposição corporal dinâmica que constitui em nós a operacionalidade das ações de coexistência em aceitação mútua em qualquer domínio particular de relações com outros seres, humano ou não. A biologia do amor é fundamental para o desenvolvimento de todo o ser humano individual (MATURANA e VERDEN-ZOLLER, 2004, p.134).

Nossa sociedade enfatiza muito ao racionalismo, para se ter uma vida de realizações profissionais e pessoais, através da competição e desconfiança,

relações que não são guiadas pelo amor e, portanto, não são sociais. As emoções é que fundam o social, sendo esta estabelecida pela convivência na aceitação e respeito do outro como legítimo outro, sem expectativas e competições. Partindo destas reflexões:

Por lo tanto, yo mantengo que un observador sostiene que ocurren fenómenos sociales, cuando él ve o ella ve dos o más organismos en interacciones recurrentes que siguen un curso operacional de aceptación mutua. También mantengo que la emoción que hace posible la interacciones recurrentes en aceptación mutua es aquella que connotamos en la vida diaria con la palabra amor. O, en otras palabras, digo que amor es la emoción que constituye el fenómeno social; que cuando el amor termina, el fenómeno social termina, y que las interacciones y relaciones que ocurren entre sistemas vivos bajo otras emociones diferentes del amor no son interacciones sociales o relaciones sociales (MATURANA, 1997, p.85).

É relevante que no contexto educacional o amar seja à base das relações e vivências, pois assim se estará construindo um ambiente que prioriza a colaboração e solidariedade, o respeito e outros valores, onde cada sujeito seja visualizado como único. Quando não vivemos desta maneira se está motivando e disseminando lutas, negando o outro, competindo... assim, devemos iniciar essa caminhada de transformação por nós mesmos. Na educação estamos muito arraigados ao método tradicional, não se é tão democrático como se pensa, muitas vezes não damos vez e voz aos alunos, focando em métodos de ensino para aquisição de competências e habilidades para um futuro profissional de êxitos. Nas palavras de Barcelos e Maders (2016)

O âmbito educacional, deve privilegiar a amorosidade e jamais a competição que, ao invés de aceitar o outro na sua legitimidade, promove sua negação. O que deve ser corrigido, quando se julgar necessário, não é o ser da criança, mas, sim, o seu fazer. Há que ter presente que as dificuldades de aprendizagem que a criança por ventura demonstre não decorrem de uma incapacidade intelectual. Decorrem da negação do amor como a principal emoção da convivência. Isto se corrige restituindo para a criança o espaço da emoção do amar. A educação não deve se preocupar em formar crianças para serem úteis a sociedade, mas, sim, devem buscar o seu crescer integrados à comunidade que vivem (BARCELOS e MADERS, 2016, p.11).

A educação é estabelecida pela convivência com o outro, assim é relevante que se proporcione um ambiente ao qual professores e alunos aceitem-se e respeitem-se de maneira recíproca, pois o processo de aprendizagem e desenvolvimento se dá a partir das relações estabelecidas. A educação é percebida

como transformadora, mas se queremos transformações mais positivas e significativas devemos começar por nós, adultos, pelo fato de que as crianças hoje serão o reflexo dos adultos com quem elas interagem no presente. Azzolin (2019) corrobora, discorrendo a respeito:

Aprendemos com os outros. Na interação, no contato, no toque, no olhar. Assim, para se educar é necessário criar um espaço de convivência com a criança, onde professor e aluno se aceitem mutuamente, percebendo a legitimidade do outro. Ambos se transformando na convivência. Com isso, a criança aprenderá não como algo externo, mas como um modo de ser no viver. Aprende-se amar, amando. Aprende-se a odiar, odiando. Aprende-se a ser agressivo, sendo tratado com agressividade e assim por diante....Aprendemos fazendo. Na infância aprendemos amar, vivendo as ações que constituem o outro como um outro legítimo (AZZOLIN, 2019, p.72).

Assim como o amar, o brincar deve ser considerado um outro caminho fundamental nos processos de ensino e da aprendizagem — ele é um espaço de comunicação natural e genuíno; o brincar também pode ser entendido como uma atividade prazerosa, sem objetivos, expectativa e vivenciada no momento em que a ação ocorre, no presente. É pelo brincar que a criança compreende seu corpo, bem como a viver consigo mesma e com o outro através do respeito e aceitação. Mas esse brincar está ficando no esquecimento de crianças e adultos, pois a sociedade em que vivemos vigora a competição, onde a criança é incentivada a ser melhor que as outras crianças que ela convive, e por isso a rotina das crianças são atribuladas de tarefas, não havendo espaço para o brincar livre e espontâneo:

Nossa cultura ocidental moderna desdenhou o brincar como uma característica fundamental generativa na vida humana integral. Talvez ela faça ainda mais: talvez negue o brincar como aspecto central da vida humana, mediante sua ênfase na competição, no sucesso e na instrumentalização de todos os atos e relações. Acreditamos que para recuperar um mundo de bem-estar social e individual – no qual o crime, o abuso, o fanatismo e a opressão mútua não sejam modos institucionalizados de viver, e sim erros ocasionais de coexistência-, devemos devolver ao brincar o seu papel central na vida humana. Também cremos que para isso aconteça devemos de novo aprender a viver nessa atmosfera (MATURANA e VERDEN-ZOLLER, 2004,p.245).

Estamos vivendo em uma sociedade que está sempre preocupada com o futuro e na esfera econômica, deixando de ver que as coisas acontecem no presente, ao qual não se está conseguindo vivenciar e que o tempo se esvai por

nossas próprias mãos...a vida passa como um piscar de olhos e quando nos damos conta as crianças cresceram, e exigem até mesmo a contra mão de certas ideologias em suas vidas, sem que percebêssemos. A infância é viver um mundo com infinitos mundos, é (re)criar, é espontaneidade, saber o sentido de amar, de não odiar, de não ter preconceitos, respeitar e confiar — toda criança nasce amando e aprende conosco, adultos, os contra valores, a exemplo da discriminação e do ódio; só que ao invés de estarmos mais presentes e disponíveis às crianças, e aprender com elas, retribuímos com presentes, com bens materiais, recompensas aleatórias e sem sentido, ou quando estamos brincando, nossos pensamentos não estão entregues ao brincar, pois pensamos no que devemos fazer no dia seguinte, a exemplo do trabalho, ou que se poderia estar descansando, porém, precisa-se mostrar que se é “bom pai” ou “boa mãe”, até mesmo condicionando as crianças a viverem sob a égide da tecnologia, a partir de jogos e redes sociais, para que possam ficarem entretidas e quietas.

Ser criança é viver no mundo do brincar, do amar, que não deve ser obstruído pelos adultos, ao qual definem desde quando ainda se é feto, o caminho que o mesmo irá trilhar, está prevalecendo o desejo dos pais, que preenchem o tempo dos filhos com atividades para sobressair das demais crianças. No contexto escolar, da mesma forma que o familiar, o brincar está sendo esquecido, estamos enfileirando e apostilando crianças pequeninas. Renata Meirelles e Severino Antônio, em sua fala no programa "Café Filosófico"¹, discorrem:

Uma coisa que é de uma tristeza infinita são escolas diminuindo radicalmente o brincar, interditando os recreios, diminuindo os espaços de criança pequena na escola, cimentando o chão todo e enfileirando a criança. Precisamos quebrar um pouco de cimento, deixar um pouco de terra, de chão, de água, de ar para criança brincar livremente na escola. Precisamos de Recreio, a palavra já diz, é hora de recriação, de recriação da vida. [...]. Precisamos trazer o brincar para as aulas, estamos apostilando criança pequenininha de 3 e 4 anos. Imaginem uma mesma apostila aqui em Campinas, lá no extremo do Rio Grande do Sul, no Amazonas e tirando o recreio, porque a criança não veio aqui para brincar, o mais importante que a escola pode fazer é possibilitar o brincar, para inteligência da criança florescer, a capacidade criadora florescer, para a aventura humana florescer.

O brincar é vital para a criança, não é apenas um passatempo, é um saber-fazer natural e significativo, é o modo com a criança descobre o mundo e se

¹Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tc136kE-bQc&list=WL&index=3&t=0s>> Acessado em 24/02/2020.

relaciona com ele, é como ela conhece a si, ao outro e ao seu corpo percebendo limites e potencialidades; é o momento em que constrói sua identidade, reelabora vivências e experiências, aguçando sua criatividade e imaginação, aprendendo e adquirindo conhecimento. Desta forma, devemos criar tempo e espaço para a criança brincar livremente, pois há um confinamento dentro de salas e nas dependências de telas digitais, que não permitem o brincar, mas raciocinar, competir e vencer.

Winnicott (1975) entende que o brincar por si só é terapêutico, bem como é aonde flui a criatividade que nos faz sentir vivos. Porém, nós adultos não brincamos mais, e mesmo quando tentamos fazê-lo, não estamos presentes, pois muitas vezes enquanto se encontra nesta relação, pensamos em diversas questões de responsabilidades, compromissos e outros aspectos e não nos entregamos inteiramente, como é o caso da criança.

Esta pesquisa procurou pensar sobre proposições do amar e brincar na educação, como conhecimentos a serem refletidos para a possibilidade de um novo trilhar na educação, ou seja, um modo de viver e conviver mais natural e harmônico, ao invés desse preparo para se digladiar em sociedade.

3. NOVAS POSSIBILIDADES A PARTIR DO AMAR

Segundo Maturana (2002), as emoções são o que constitui o ser humano, em que as relações são estabelecidas pelo respeito e aceitação de si e do outro. Então, falar que o ser humano é regido pela razão pode ser errôneo, pois assim não será possível perceber que a emoção direciona nossas ações, quando acredito que somos um entrelaçamento entre a emoção e razão, constituindo o fluir de nosso viver, tal qual a ideia de Humberto Maturana:

Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional(MATURANA, 2002, p.15).

O amar não é vivenciado pela posse e cobrança. O amar é a emoção que ampara e torna cada um genuíno, um ser único e que devemos respeitar, amar e

aceitar, sem esperar algo do outro e nem pedir nada em troca, é ter conhecimento de si, para estar aberto ao encontro com o outro.

Somos biologicamente seres humanos da classe dos mamíferos, cuja uma das características principais é a dependência da figura materna como expressão maior de amor e sobrevivência. Visualizamos este elo através de uma relação amorosa onde as crianças devem se desenvolver para assim crescerem e se tornarem adultos, que disseminarão pelas vivências o amar, o respeito, a solidariedade, colaboração e aceitação mútua, porém, as crianças contemporâneas estão sob os cuidados de adultos autoritários, e Laura Gutman (2018) aponta que é na infância onde as crianças organizam as emoções pelas vivências, logo, segundo a estudiosa, é o que irá dar suporte na fase adulta:

Los Niños hemos estados sometidos durante nuestras infancias a reprimir todo vestigio de deseo, contacto, placer y bienestar, aceptando las imposiciones de los adultos que nos han cuidado con autoritarismo y frialdad. Como consecuencia, no hemos convertido en adultos susceptibles al dominio, la manipulación y la explotación; o bien a identificarnos con la fuerza brutal para infligir daños a los otros (GUTMAN, 2018, p.47).

O amar é a emoção principal para a existência humana no meio social. É através do amar que o outro constitui-se como legítimo outro na convivência e isso só é possível pelo convívio que a criança, desde sua primeira infância, espelhada na figura materna, que baseará suas relações mais íntimas, de confiança e aceitação. Então, é pelo encontro materno-infantil que a criança se desenvolve de forma integral, como um ser bio-psico-social.

Esses conceitos fazem parte da cultura Matríztica em que Maturana e Verden-Zoller (2004) conceituam como uma rede de conversações ao qual a criança está inserida, num ambiente de cooperação, autorrespeito, dignidade, aceitação e respeito por si e pelo outro, que é um adulto que possivelmente será correspondente a essas bases. Não se pode na fase adulta ser um sujeito que vive na luta, no controle, obediência e apropriação, pois no ambiente matríztico a responsabilidade é compreendida pelas ações, ao qual se está consciente de suas consequências. Sobre a cultura Matríztica:

Povos não podem ter vividos na competição, pois as posses não eram elementos centrais de sua existência. [...] os seres humanos eram, como todas as outras criaturas, expressões de sua presença - e portanto iguais, nenhum melhor que o outro apesar de suas diferenças -, não podem ter

vividos em ações que excluíssem sistematicamente algumas pessoas do bem-estar vindo da harmonia do mundo natural. [...] o respeito mútuo, não a negação suspensa da tolerância ou da competição oculta, deve ter sido o seu modo cotidiano de coexistência, nas múltiplas tarefas envolvidas na vida da comunidade (MATURANA, 2004,p.40/41).

Em contraponto a esse viver centrado no amar da cultura Matríztica, há a cultura patriarcal, em que se vive na negação, competição, exclusão, apropriação, autoridade. De acordo com as ideias de Maturana (2004, p.42) “[...] é a justificação racional da agressão e do abuso” — essa forma de convivência foi conservado e passado por gerações, onde crianças aprenderam a viver e conviver nessas condições, negando o outro como legítimo outro. O autor caracteriza esta cultura:

Coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, a hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade (MATURANA, 2004,p.37).

Na cultural ocidental, no decorrer dos anos se estabeleceu a separação entre corpo e espírito, em que o espírito faz parte de um domínio elevado ao mundo físico, e o corpo é considerado como algo que torna esses aspectos em formas materiais, assim os resultados desta cultura é a desvalorização da corporeidade, que promove a desconfiança e incertezas. Verden-Zölller (2004) discorre que nas relações em que não é possível a confiança e prevalece o domínio, não se pode prover o indivíduo de harmonia, liberdade e criatividade no fluir do viver. Assim, a carência na confiança, bem como a divisão entre corpo e espírito, faz com que não ocorra a assimilação entre a interação corporal da criança com o desenvolvimento da consciência individual e social.

É através do amar que se legitima o outro, então, a aceitação de si e do outro deve ser algo natural e espontâneo, pois são “peças” essenciais para o desenvolvimento integral da criança. No momento em que se está voltado para um futuro repleto de expectativas, bem como revivendo o passado, o presente torna-se secundário; anula-se a legitimidade do outro e a de si mesmo. Nossa cultura exige expectativas de um futuro, dos sujeitos que permeia as relações e de si, limitando a visão de mundo e a aceitação pessoal e do outro. Segundo Maturana e Verden-Zölller, “[...] não somos capazes de amar (aceitar) a nós mesmos nem aos outros, e vivemos gerando expectativas ilegítimas e recorrentes sobre nós próprios e em

relação aos demais” (2004, p.131). Neste sentido, Gutman corrobora com a ideia, relatando que:

Hace mucho tiempo que nuestra civilización perdió el eje respecto a la naturaleza de los seres humanos. De hecho hemos sido credos para vincularnos espontáneamente con nuestro entorno, con el respeto y el equilibrio suficientes para vivir en armonía. Sin embargo, hoy estamos perdidos. Generamos violencia, maltrato, guerra, enfermedades y malestar. La buena noticia es que los cambios para crear un contexto amoroso y solidario dependen de cada un de nosotros: mujeres e hombres adultos (GUTMAN, 2018, p. 9).

Na sociedade contemporânea e planetária, a tendência social que abraça os adultos, os compele a se focarem na luta por um futuro de realizações pessoais e profissionais, sobrepondo contra valores em suas vidas. Ao contrário, as crianças chegam ao mundo sem juízos de valores, linguagem, moral, medo, violentos, egoístas, etc., nascem apenas seres humanos amorosos. Mas as crianças dependem de uma figura materna para sobreviver, e é por esta relação com os adultos que aprendemos a nos tornar um. Se quisermos um mundo mais amoroso, solidário e com respeito mútuo, devemos nos tornar adultos com estes referenciais para as nossas crianças, pois ensinamos pelo nosso modo de ser e agir. Laura Gutman (2018) questiona como se pode operar a transformação em si, se já nascemos inscritos neste sistema civilizatório:

Ahora bien, nosotros, hemos nacido en este tiempo y en este sistema civilizatorio. Significa que si hemos tenido una infancia alejada de esse ideal ya estamos condenados a perpetuar el desamor en el mundo? No. Pero será necesario accionar en sentido contrario, porque nuestro automático va a seguir la corriente de las experiencias conocidas: cortar la relación con el mundo emocional sufriente, generar batallas afectivas a cada paso, intentar tener razón, defendernos de los ataques y no mucho más. Hasta aquí, el amor no tiene lugar (GUTMAN, 2018, p.15).

Maturana e Verden-Zöllner (2004) afirmam que a sociedade que pertencemos prioriza a racionalidade e a ação ao invés das emoções. Nossas ações de domínio racional são fundamentadas nas emoções, ou seja, a forma como nossas ações são executadas são embasadas por nossas emoções. Somos seres fundados na emoção. Humberto Maturana ainda afirma:

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na

convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. Num sentido estrito, nós seres humanos nos originamos no amor e somos dependentes dele. Na vida humana, a maior parte do sofrimento vem da negação do amor: os seres humanos somos filhos do amor (MATURANA, 2002, p.25).

O princípio do ser humano no mundo deveria ser o de irradiar o amar e buscar uma mudança no ambiente que circula através do contato e das relações que vivência e experiência. Em nosso cotidiano defrontamos com situações difíceis, que muitas vezes espalhamos o desamor. Mas o desejo de disseminar o bem e amar o outro são qualidades que nos torna seres humanos. Devemos resgatar as emoções que a criança expressa de forma espontânea, e que com o tempo vamos perdendo essa capacidade de amar que tínhamos quando crianças. Laura Gutman expõe a importância deste resgate quando pontua:

No importa qué dificultades afrontemos, los adultos siempre podremos usar los recursos que todos conservamos: el deseo de haber el bien y amar a quien sea que sea nuestro prójimo. La biografía humana atesora como objetivo primordial que recuperemos esa capacidad de amar con la que hemos nacido y que nos hemos visto en la obligación de relegar, para poder sobrevivir al desamor cuando fuimos niños. Reitero que no es lo mismo ser niño que ser adulto. Es indispensable que establezcamos la diferencia, porque – caso contrario – justificaremos nuestro accionar basados en nuestras propias carencias(GUTMAN, 2018, p.228).

Nosso sistema emocional, fisiológico e anatômico está entrelaçado de forma natural e espontânea, ao qual compõem a nossa história de vida. Mas como seres pertencentes a uma cultura ocidental, somos limitados a esta percepção de forma unívoca. Para Maturana eVerden-Zöllner(2004) o amar está na formação da consciência individual, social e de mundo da criança, quando esta se desenvolve através de uma relação estabelecida com a figura materna de aceitação mútua. Para a criança se desenvolver de forma plena, deve-se viver no amar e na aceitação, com pessoas que contemple o seu universo de relações, sem que se deposite neste sujeito expectativas sobre o futuro, enquanto que o brincar deve ser sempre experienciado e vivenciado no presente, sendo o amar a emoção que rege este ato. Assim, a relação da figura materna deve ser consubstanciada no brincar.

Nossa existência enquanto seres sociais se estabelece pela biologia do amar, que consiste, segundo Humberto Maturana (2004) na emoção fundamental para o desenvolvimento humano, bem como pela linguagem que nos constituímos como

seres humanos. Quando nos referimos à nossa biologia se está relatando um modo de viver natural e humano, também dos seres vivos, que neste processo de coexistência pelo amor nos tornou capazes de sermos seres caracterizados pela linguagem:

A biologia do amor é fundamental para o desenvolvimento de todo o ser humano individual. Na condição de seres racionais linguajeantes, somos animais pertencentes a uma história evolutiva centrada na conservação de um modo de viver na biologia do amor. Esta tornou possível a origem da linguagem, que ainda hoje nos caracteriza (MATURANA e VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 134).

A criança se desenvolve através do meio ao qual está inserida e pela intimidade com a figura materna. Assim: “[...] temos a capacidade de viver no amor se nele crescemos; e neles precisamos viver para ter saúde espiritual e fisiológica” (VERDEN-ZÖLLER, 2004 p.133), o que também nos remete a pensar que somos seres fundados no amar, mas aprendemos o ódio, a indiferença, a desconfiança convivendo e experienciando essas emoções e atitudes no meio social.

As crianças transmitem o amar, cooperação, respeito, não tem maldade, nem preconceito; esta forma de ser criança deveria se perpetuar, e assim se teria adultos numa constituição mais generosa e capaz de espalhar o amar ao mundo sem restrições, e as guerras, violências, lutas poderiam se extinguir, então, deveríamos aprender com as crianças a sermos seres humanos. Laura Gutman expressa esta ideia quando escreve que:

Estoy segura de que si confiáramos en la naturaleza instintiva de cada niño, recuperaríamos el sentido común, la alegría y la prosperidad. Y sobre todo, recuperaríamos algo que hemos perdido hace muchas generaciones: la capacidad de amar al prójimo (GUTMAN, 2018, p.11).

A relação entre a figura materna e o bebê, deve ocorrer no presente, e não ser projetada no futuro, onde se cria expectativas em relação à criança e no seu devir adulto, com isso as trocas mãe-bebê se tornam um processo instrutivo, em que a relação está voltada para um futuro ocorrendo a negação do outro. A maternidade é a permanente interação e cuidado, devendo ser realizada sempre presente, para que seja possível o encontro entre mãe-bebê, dessa forma será oportunizado a aceitação e respeito de si e do outro:

Ao surgirem a consciência de si e auto-aceitação da criança – conforme está e percebida e acolhida pela mãe, no presente de um contato corporal íntimo em total aceitação – ela (a mãe), surge como outro Eu na realização dessa mesma aceitação mútua mãe-criança. Então começa, na criança, a práxis da dinâmica social como a dinâmica da mútua aceitação (amor) na convivência (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004,p.138).

Nossa identidade se forma por aquilo que vivemos e experienciamos através da relação com o outro, embasado pela cultura e história ao qual somos pertencentes, de maneira espontânea pelo fluir do nosso viver e isso nos remete a refletirmos as diversas interações da criança com o meio social, ao qual o caminho se entrelaça ao decorrer justamente na fase da infância. Maturana e Verden-Zöller corroboram com a ideia dizendo que “[...] tornamo-nos o que somos segundo o modo como nos movemos — a sós ou com ou outros”(MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.139).

Podemos nos tornar adultos mais amorosos, por mais que em nossa infância tenha sido de relações onde perdurava o desamor. É necessário reconhecer nossos sentimentos latentes e nos questionar sobre o sentido da vida, desta forma encontraremos um caminho para regressar no tempo e reconstruir a maneira como nos relacionamos com o mundo e com os sujeitos que nos circunda. Agora nos tornamos adultos que visam prosperar na amorosidade, o respeito e aceitação mútua, no fluir do nosso viver, refletindo em nossas relações, gerando um círculo vicioso, que busca uma nova civilização, que se inicia pelos adultos e não sendo as crianças a esperança do mundo, mas sim nós adultos, pois ensinamos pelas nossas ações. As crianças agem reproduzindo o comportamento dos adultos que ela convive. Laura Gutman (2018) acredita neste processo de mudança discorrendo o que segue:

Ahora somos adultos y no encontramos el camino de regreso. Mucho de nosotros intentamos encontrar en sentido de nuestras vidas, ya que no sabemos por qué ni qué vivimos. En ciertas ocasiones nos concentramos en trabajar y ganar dinero. Pero cuando logramos generar el dinero que creemos suficiente, volvemos a estar desorientados (GUTMAN, 2018, p.23).

Toda a relação deve ser vivida no momento presente, a atenção deve estar quando as coisas acontecem e não somente depois que acontecem. A interação entre mãe e bebê ocorre no brincar, sem expectativas ao qual desvia o foco do presente. A cultura ao qual pertencemos valoriza a intenção, controle e produtividade, em busca de resultados, fazendo com que não se viva no presente,

pois busca-se um futuro cheio de expectativas e realizações. Quando a relação mãe-bebê está baseado no futuro “[...] a mãe deixa de ver seus filhos como indivíduos específicos, e restringe seus encontros com eles a essa condição” (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.141).

O amar é que possibilita ampliar convivências e experiências, esse é o modo que se estabelece a aceitação e respeito mútuo, sendo denominado como fenômeno social. Conforme Humberto Maturana, “[...] só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e que tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito”(MATURANA, 2002, p.24).

4. A CRIANÇA E O BRINCAR: UM NOVO OLHAR

Ao percorrer a história, vislumbramos os principais momentos em que o conceito de infância passou por diversas transformações, tendo como base os escritos de Ariès (1986) que relata em meados do século XII: “[...] na arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la” (ARIÈS, 1986, p.50). Foi apenas na Idade Média que a figura da criança, começou a aparecer, quando as crianças não tinham uma caracterização própria, elas eram consideradas um "adulto em miniatura", dentro de uma época permeada de transições. Assim que a criança pudesse de alguma forma não depender da figura materna, ou como diz Ariès “[...] assim que as crianças deixassem os cueiros”(ARIÈS, 1986, p.69) eram sobrepostas em casas de famílias desconhecidas e preparadas para realizar os serviços pesados, permanecendo por um longo tempo, sendo vistas como aprendizes — esta preparação para os serviços se “confundiam” com educação, aprender através da prática, não cedendo espaço para as escolas.

A afetividade e o acolhimento necessários para o pleno desenvolvimento da criança pela figura materna, bem como com o ambiente familiar para o desenvolvimento integral não ocorria em sua plenitude, pois desde muitos pequenos eram retirados do seio familiar e realocados em uma outra família onde confiança e afetividade não haviam sido construídos, sendo que os sentimentos não podiam ser “alimentados”. Enquanto as crianças se desenvolviam, tornando-se adultos se reinseriam na família, o vínculo e os sentimentos que foram reprimidos não eram reestabelecidos, tornando seres frágeis emocionalmente.

Aos poucos o conceito de infância vai sofrendo transformações, e as famílias foram preocupando-se mais com seus filhos, realizando uma fiscalização mais próxima sobre, por exemplo, dos aprendizados básicos, das relações com os demais, etc., sem delegar estes cuidados a outras famílias, ocorrendo uma aproximação entre família-criança e a conseqüente alteração nas relações sociais.

As escolas começam a ganhar espaços, e a infância começou a ser vista com outros olhos, numa perspectiva de amor e cuidado. Assim a educação e a saúde passaram a ser as principais preocupações das famílias em relação às crianças, que passaram a ser um sujeito “educável” e a frequentar escolas que antes era privilégio da elite. Foi em meados dos anos 70, precisamente em 1971 que as primeiras creches começaram a realizar os atendimentos aos filhos das domésticas, considerando as primeiras iniciativas voltadas para a infância daquela parte da população mais humilde no Brasil. Ao longo desta caminhada as crianças começaram a serem cuidadas, escolarizadas e preparadas. A infância tem seus traços singulares onde seus sentimentos e pensamentos acerca do mundo são particulares, pois sua forma de aquisição se refere a diferentes linguagens. A partir destes marcos se iniciou a desenvolver políticas públicas necessárias para as crianças, que ganharam seu espaço de destaque na sociedade. Maturana e Verden-Zöller acrescentam:

À medida que nos desenvolvemos como membros de uma cultura, crescemos numa rede de conservações, participando com os outros membros dela em uma contínua transformação consensual, que nos submerge numa maneira de viver que nos faz e nos parece espontaneamente natural (MATURANA, 2004, p. 42).

O autor, na sua ideia, refere-se que estamos imersos em uma cultura que se perpetua de geração para geração, que fortalece ideias de uma sociedade; àquele, como membro também pertencente ao meio social, nos transmite esses conhecimentos e ensinamentos pela interação de experiências e vivências, ou seja, a cultura ao qual pertencemos guia nossas ações, embasadas pelas nossas emoções.

Pertencemos a uma cultura ocidental contemporânea, vivemos em um mundo com ênfase no futuro, priorizamos a necessidade de realizações profissionais. Dessa forma, desperdiça-se o tempo em que as coisas estão acontecendo, ou seja, o momento presente. No contexto do brincar, refere-se a prestar atenção no presente; isso é importante para que a criança aprenda sobre si e seu corpo, aceitando-se,

para que assim aceite o outro de forma legítima, sem expectativas e exigências de seu ser. Para isso, o relacionamento estabelecido com os pais deve ser de confiança e motivado pelo amor, onde se esteja disponível no brincar e o mesmo seja espontâneo.

Winnicott (1975) entende o brincar como verbo, não como o substantivo *brincadeira*, pois trata o brincar em sua totalidade, não se limitando apenas a uma ação da criança, mas abrangendo a vida adulta, quando

[...] a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia (WINNICOTT, 1975, p.70).

Ainda, conforme o autor supracitado, o brincar inicia desde o primeiro contato com a figura materna, pois a relação mãe-bebê é estabelecida e vivenciada em um ambiente de confiança, sustentado e cuidado pelo brincar, desta forma a figura de um adulto deve ser sempre atenta e disponível as necessidades da criança/bebê:

O brincar implica confiança e pertence ao espaço potencial existente entre (o que era a princípio) bebê e figura materna, com o bebê e a figura materna, com o bebê num estado de dependência quase absoluta e a função adaptativa da figura materna tida como verta pelo bebê (WINNICOTT, 1975,p.86).

Até então, viu-se que a criança se desenvolve de forma psíquica e relacional através de seu vínculo materno, proporcionado por uma convivência de aceitação e confiança mútua, para que assim possa constituir suas relações sociais e sua visão de mundo. Maturana e Verden-Zöller discorrem que “[...] a consciência individual e social da criança surgem mediante suas interações corporais com a mãe, numa dinâmica de total aceitação mútua na intimidade do brincar”(2004, p.124). A relação materno-infantil deve estar apoiada e fundamentada no brincar, através da intimidade, e do amor, não pelo controle, autoritarismo e exigências.

Desta forma é que a criança se desenvolve através do respeito por si e pelo outro, em um ambiente de igualdade, onde não se exclui a existência do outro, mediante uma rede de relações harmônicas, contemplando o viver e o mundo sem expectativas. Assim, fazemos parte de uma cultura que marca nosso viver, nossa identidade tanto individual como social, por meio dos sujeitos que fazem parte das relações que os cercam. Na proposição de Maturana e Verden-Zöller:

Ao surgirem à consciência de si e a auto-aceitação da criança – conforme esta é percebida e acolhida pela mãe, no presente de um contato corporal íntimo em total aceitação – ela (a mãe), surge como outro Eu na realização dessa mesma aceitação mútua mãe-criança. Então começa, na criança, a práxis da dinâmica social como a dinâmica da mutua aceitação (amor) na convivência (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 138).

O desenvolvimento infantil se dá através de uma relação entre mãe e bebê, em uma relação corporal no brincar e amar, sendo que a partir disto a criança irá elaborar sua consciência individual e social. Buscando compreender o mundo em que vive, ao longo de suas vivências, experiências e trocas que estabelece com o outro é de fundamental importância. Assim, ao longo do percurso da vida nos deparamos com diversos atores e cenários que de alguma forma, através das interações, fazem parte da constituição do humano, que um dia essa criança irá se tornar a partir dos referenciais que teve, e por esta ideia, Barcelos e Maders discutem:

Ao aprender seu próprio corpo e ao aceitá-lo, a criança aprende a viver consigo mesma no respeito e na aceitação de si. Isto é fundamental para que esta criança se constitua em um adulto que, também, aceite o outro de forma legítima, sem exigências e sem coerções de qualquer tipo e, em especial, sem expectativas e exigências externas ao seu ser. (BARCELOS e MADERS, 2016, p.95)

No contexto do brincar, essa ação desempenha um papel fundamental quando desenvolve o modo como a criança se auto conhece, conhece o outro e sua visão de mundo; a percepção individual se apresenta através do desenvolvimento do conhecimento de seu corpo, alcançando a integralidade biológica, emocional e intelectual de maneira plena quando estabelece com a figura materna e paterna uma relação de confiança, porém, quando estas interações não são correspondidas a criança ou o bebê se desenvolvem no vazio existencial, como seres sem identidade e sem sentido para suas descobertas.

O brincar é uma interação sem objetivos a serem alcançados, de modo espontâneo e no presente, ocorrendo tanto na infância como na fase adulta, desde quando o viver no brincar não corresponde aos domínios da intencionalidade e dos propósitos. De acordo com Verden-Zöller “[...] todo o comportamento vivido fora dos domínios do propósito ou da intencionalidade ocorre como válido em si mesmo. Se é vivido dessa maneira, é vivido no brincar” (VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.146).

As crianças estão imersas em uma sociedade que visa um cenário de vida

perfeita, de uma preparação para o mercado de trabalho competitivo, onde o brincar livre e espontâneo, que é de fundamental relevância para o desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, está sendo substituído pelo uso da tecnologia, pelas relações virtuais, por uma cultura impaciente, no qual os desejos, valores tornam-se algo passageiros, quando a mídia impõe e estabelece tais percepções, ao contrário, quando deveriam ser observadas e estabelecidas com significado e com pauta nas raízes naturais do ser em seu estágio de desenvolvimento. Por esta cultura globalizada as crianças vêm sendo afetadas e cada vez mais cedo estão esquecendo do brincar, da criatividade inerente ao ser criança. Staviski, Surdi e Kunzensinam:

Este modo de viver, pensando exclusivamente nos resultados das atividades, é um modo de existir que só faz sentido para o adulto e que acaba desviando a atenção para longe do presente. As crianças não brincam pensando nos efeitos positivos ou negativos do seu brincar, não chutam uma bola ou pulam amarelinha pensando nos ganhos motores e cognitivos desta atividade; elas simplesmente brincam, porque esta é a sua maneira espontânea e natural de existir(STAVISKI, et al, 2013, p.121).

No decorrer das etapas da vida vamos perdendo esta capacidade de brincar, pois na sociedade ao qual pertencemos, estamos o tempo todo correndo contra o tempo, sempre preocupados com as exigências postas de competição, projetando um futuro, estamos sempre buscando êxitos. O brincar não se dá no futuro e nem tem espaço nessa corrente de responsabilidades e tarefas; a magia do brincar acontece na sintonia do momento presente. Segundo Barcelos e Maders (2016, p. 99-100)“[...] brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca esta envolvida no que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar num cavalo, é isso que ela faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro”.

As crianças desde a mais tenra idade frequentam o ambiente escolar, suas rotinas são determinadas por adultos que acreditam ser importante realizar inúmeras atividades e compromissos para desenvolver a inteligência e ser um grande profissional no futuro, esquecendo que são crianças e necessitam de um tempo e espaço para brincar por brincar, pois as mesmas estão sendo visualizadas como “mini-adultos”, enquadrados em um padrão cultural impostos por nós — trata-se de sobrepor o outro, de mostrar menos vulnerabilidade e inocência e maior robustez, suprimindo-se sentimentos para decidir melhor o caminho a tomar! O brincar é imprescindível, pois a criança tem a liberdade para desenvolver a criatividade,

aspectos cognitivos, emocionais, sociais e físicos, bem como na expressão de sentimentos e vivências, Winnicott explica que o “[...] brincar das crianças possui tudo em si” (1975, p.76).

A visão sobre o brincar, que domina o cenário educacional, tem um outro enfoque do que se desejaria, que é o de buscar um lugar lúdico para a aprendizagem e para a competitividade, pois se está imerso em um meio social em que crianças e jovens não tem um espaço para expressão e para o brincar, uma vez que estão preocupados com a busca de um futuro de sucesso. Porém, o brincar está sendo destoadado, pois ele visa o presente num espaço permeado de afetividade, criatividade, imaginação e liberdade para que essas crianças e adolescentes possam expressar vivências e trocar/aprender pelas experiências, exercitando o respeito, confiança e aceitação mútua. Maturana e Verden-Zöller discutem:

Brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar num cavalo, é isso que ela faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro. O brincar não é uma preparação para o nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade. Nós, adultos, em geral não brincamos, e frequentemente não o fazemos quando afirmamos que brincamos com nossos filhos. Para aprender a brincar, devemos entrar numa situação na qual não podemos senão atentar para o presente (MATURANA, 2004,p.231).

O brincar está presente na vida e na educação há muitos anos, sendo de grande relevância para o desenvolvimento integral infantil e da educação. Desta forma, nas interações pelo brincar a criança constitui a aceitação, confiança e respeito total e mútuo. Mas o brincar está sendo depreciado ao longo do tempo, havendo uma descaracterização do que é o brincar, negando este direito a criança.

A ideia de que o brincar deve ser espontâneo, considerando a maneira como a criança conhece a si e ao outro pela e na interação com o outro, uma forma de lidar com o meio social e real que faz parte. Através do brincar que a criança reelabora vivências e experiências, sendo o personagem principal de sua história de vida. “O brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais” (WINNICOTT, 1975, p.74).

Diante disso, salienta-se que o brincar livre, sem objetivos estabelecidos e espontâneo, é significativo para o desenvolvimento integral e saudável da criança. Porém para que os adultos brinquem com as crianças, os mesmos devem resgatar o brincar em sua pureza, para que assim estejam disponíveis e sejam incentivadores

deste ato. Winnicott faz a referência deste resgate no espaço terapêutico quando relata:

Se o terapeuta não pode brincar, ele não se adéqua ao trabalho. Se é o paciente que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-lo a tornar capaz de brincar, após o que a psicoterapia pode começar. O brincar é essencial porque nele o paciente manifesta sua criatividade (1975, p. 89).

O brincar é importante para a capacidade de imaginação e potencial criativo da criança, bem como do jovem e adulto. Winnicott (1975) nos traz a ideia de que pelo brincar os seres humanos em todas as fases do desenvolvimento fruem de sua liberdade de criação:

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar de sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre seu verdadeiro eu (WINNICOTT, 1975, p. 93).

Cada vez mais estamos deixando de lado o brincar. As mídias sendo inseridas já na vida dos bebês, gerando crianças sedentárias, arrisco-me a falar, crianças que estão perdendo a capacidade de brincar, se isso é possível. Ao brincar a criança descobre, explora, conhece o mundo. Propiciando na interação com o outro novas experiências para o desenvolvimento de forma pessoal, como também para o social.

Para Winnicott (1975), assim como para Maturana (2004), o brincar é inseparável do gesto espontâneo, sem articulação com regras e metas, pois assim se perde a configuração de um ato livre, um movimento de criação, descobertas, exploração do mundo, de si e do outro, “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (Winnicott, 1975, p. 88). Este autor propõe que o brincar por si só é terapêutico, inserindo-o em um ambiente ao qual a criança pode expressar seus medos, angústias, fantasias, desejos, entre outros. É através deste processo de recriar o mundo interno pelo brincar, que o mesmo se tornou o principal recurso no caminhar da terapia infantil, pelo fato de que pelo brincar podemos reviver situações traumáticas e recriá-las por intermédio da criatividade de forma mais sutil. É significativo o apontamento:

É bom recordar que o brincar por si mesmo é uma terapia. Conseguir com que crianças possam brincar é em si uma psicoterapia que possui aplicação

imediate e universal, e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar (WINNICOTT, 1975, p.83).

Winnicott (1975) explica que: “A característica essencial do que desejo comunicar refere-se ao brincar como uma experiência, sempre uma experiência criativa, uma experiência na continuidade espaço-tempo, uma forma básica de viver” (WINNICOTT, 1975, p.88). O espaço do brincar também é considerado uma forma de comunicação, pelo fato de que se pode expressar e sentir através do brincar ressignificando as experiências e vivências da criança. O brincar tem possibilidades significativas ao desenvolvimento das potencialidades para a criança, precisamos voltar nossa atenção a esse fundamento para que nossas crianças redescubram esse ato tão importante e fundamental para seu pleno desenvolvimento.

5. VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO

De acordo com o dicionário Michaelis [online], a educação² se trata de um:

Processo que visa ao desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano, através da aplicação de métodos próprios, com o intuito de assegurar-lhe a integração social e a formação da cidadania; Conjunto de métodos próprios a fim de assegurar a instrução e a formação do indivíduo; ensino; Conhecimento, aptidão e desenvolvimento em consequência desse processo; formação, preparo; Nível ou tipo específico de ensino; Desenvolvimento sistemático de uma faculdade, um sentido ou um órgão; Conhecimento e prática de boas maneiras no convívio social; civilidade, polidez (MICHAELIS, 2019).

Através dessa premissa, a educação tem o objetivo de “formatar” crianças que sejam úteis para a sociedade, com o foco em um futuro de expectativas e realizações profissionais.

Não acredito que este conceito seja a melhor percepção de educação, pois acredito em uma educação que busca o caminho pelo viés conceitual do brincar e amar, no contexto escolar pela espontaneidade, sem objetividade e vivenciados no presente, através de um espaço de relacionamentos e convivência em que as crianças desenvolvam a confiança, o respeito e o amar por si e pelo outro. Assim a educação consiste no conviver da criança com o adulto, quando se admite a ideia de que “[...] educar é um processo permanente que se estende para a vida toda e que

² Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=QX0y>> Acessado em 10/04/2019.

ocorre na comunidade em que vivemos” (BARCELOS e MADERS, 2016, p.56). Ainda, de acordo com os mesmos autores:

As crianças “aprendem” a conhecer o mundo a partir do viver este mundo. Um viver que se dá nas suas relações com os adultos. O aprendizado da convivência se dá e só pode se dar na convivência com os adultos. É neste conviver que nos transformamos o tempo todo e é neste transformar-se que aprendemos a ser quem somos (BARCELOS e MADERS, 2016, p.60).

A educação é um processo contínuo, estando em constante transformação. A criança aprende e percebe o mundo na convivência com o adulto, e ao viver e conviver no mundo a criança desenvolve a aceitação e respeito pelo outro como um legítimo outro, que também é uma das bases de trabalho da educação, pela interatividade. Assim, se queremos transformar o “mundo”, não devemos depositar isso nas crianças a ideologia de serem o futuro da nação, deve-se começar pelos adultos de hoje, pois o futuro está no presente, e a aprendizagem das crianças se estabelece através da convivência. Paulo Freire explica:

“Ser” no mundo significa transformar e retransformar o mundo, e não adaptar-se a ele. Como seres humanos, não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança.[...] Temos de nos esforçar para criar um contexto em que as pessoas possam questionar as percepções fatalistas das circunstâncias nas quais se encontram, de modo que todos possamos cumprir nosso papel como participantes ativos da história (FREIRE, 2014, p.50-51).

Enquanto sujeitos pertencentes ao processo educacional, como professores, temos que ser proativos em busca de uma transformação do contexto ao qual estamos inseridos, buscando uma educação no amar, no respeito, na confiança, na criatividade, entre outros aspectos, onde as pessoas possam criar novas motivações mais pessoais, humanizadas para em busca dos seus desejos e sonhos, para se cumprir aquele papel de indivíduos participantes e construtores de uma história, como cidadãos que fazem parte de um mundo. Não precisamos nos adaptar para sermos aceitos, e sim transformar o mundo que geramos no viver/conviver em harmonia; acredito em uma educação que o foco seja no ser e não nos conteúdos e por isso que se propõem uma educação pautada pela amar e pelo brincar.

O ambiente educacional se torna muitas vezes um espaço em que os alunos não podem expressar seus sentimentos e experiências, pois a educação está baseada no controle e competição, desta forma “podando” a imaginação e

criatividade, suas maneiras de refletir e pensar por si. Maturana e Dávila refletem que:

Desde un espacio emocional centrado en el control y la desconfianza pedimos a los educandos el autocontrol de sus emociones y acciones. Esto implica jibarizar su deseo de expresar legítimamente sus emociones y cercenar sus posibilidades de preguntar, equivocarse y explorar su multidimensionalidad en el asombro de descubrir desde sí y para sí sus respuestas. No es control o autocontrol de sus emociones lo que deben adquirir en su transformación a la vida adulta, sino conciencia de su sentir, reflexión sobre su hacer, y un actuar responsable en las tareas que emprenden en su vivir como miembros de una comunidad de colaboración y mutuo respeto (MATURANA; DÁVILA, 2006, p. 34).

A educação deve ser pensada na relação, pois nos diversos contextos escolares é visualizado a transmissão do conteúdo, ensinando as repostas, “formatando” desde criança seres que não precisam refletir e questionar-se. Desse modo, tornam-se seres passivos, em que a criatividade e expressão vão sendo aniquilados pelos “conteúdos programáticos”. Paulo Freire pondera:

As relações educadores-educandos, cuja contradição não se supera e de que resulta serem sempre os educadores os que educam e os educandos os que são educados; os primeiros, os que pensam; os segundos, os “pensados”; aqueles, os que disciplinam; esses, os disciplinados; os educadores, os que elegem os conteúdos programáticos; os educandos, como seres passivos, os que vão sendo enchidos por estes conteúdos. Os educadores, os sujeitos; os educandos, os objetos do processo (2014, p.63).

No momento em que “controla-se” uma criança, colocando-a em uma gaiola, sem a liberdade de alçar voos para o desconhecido, vão perdendo a magia da criatividade e espontaneidade, onde a educação passa a ser corriqueira. Em que o professor suprime possibilidades dos alunos de pensar por si, de descobrir suas respostas por si mesmo, para que assim, quando adultos adquiram a consciência dos seus sentimentos e ações como parte de uma sociedade cooperativa e pelo respeito mútuo.

A autonomia é relevante para que as crianças aprendam a arte de voar, e possam pensar e agir por si mesmos, tornando-se seres humanos éticos e responsáveis. A educação é absorvida pela e na convivência com os seres que fazem parte do meio social ao qual se está inserido. A transformação ocorre pelos adultos do presente, para que as crianças na convivência tornem-se adultos autônomos, responsáveis e éticos. Maturana acrescenta:

Cualquier contexto educacional también podría ser una cárcel: la familia, el aula y la universidad, si se vive en la exigencia, la desconfianza y el control. Sólo si en la familia, el aula, o en cualquier contexto educacional se vive en el mutuo respeto, esos lugares no serán una cárcel. Los niños requieren la compañía de personas adultas para llegar a ser adultos; por ello buscan personas adultas que los acojan, les muestren las dimensiones de un mundo deseable, les abran un espacio acogedor en donde ellos no desaparezcan en la relación, sino que tengan presencia desde su surgir como seres humanos autónomos y responsables (MATURANA, 2005,p.35).

A criança deve ser reconhecida como um ser em sua integralidade biopsicosocial, para que nos contextos ao qual se esta inserida, possam compor condições necessárias para o desenvolvimento de relações no respeito por si e pelo outro, mas só é aprendido no fluir do viver. Esta vivência no ambiente escolar é mais complexa, pois é espaço mais amplo, ao qual compõe diferentes agentes escolares, como inúmeras crianças e adultos com suas particularidades e subjetividades, diferentes espaços que proporcionam reflexões e indagações. Como reflete Rubem Alves, cabe aos adultos que integram o ambiente escolar, decidir que escola querem para o presente, àquelas escolas que são gaiolas ou escolas que são asas.

O processo de educação ultrapassa os muros da escola, quando cada integrante do ambiente escolar tem sua história, seu modo de ver, viver e estar no mundo. O aluno não chega ao ambiente escolar como uma folha em branco, ele já traz suas vivências e experiências do contexto familiar e social, assim como o professor. É através das relações e compreensão de histórias de vida e visão de mundo dos agentes escolares que é possível criar um ambiente de sustentação e amparo que muitos alunos procuram quando vão para a escola, e que muitas vezes não encontram no família e sociedade. Paulo Freire acredita na relevância destas questões quando pontua ser:

Importante lembrar que não é a partir do que é feito apenas na sala de aula que ele ou ela será capaz de apoiar os alunos e as alunas na reconstrução da posição deles no mundo. É importante que saibamos que o tempo limitado de sala de aula representa apenas um momento da experiência social e individual total do aluno. O aluno acorda tem sua primeira interação com seus pais. A socialização que ele ou ela recebe cotidianamente pode representar uma negação do entendimento humanístico da vida (2014, p. 112).

A educação não é só conteúdo, pelo fato de que com a era tecnológica temos acesso a informação a qualquer hora, e para quem tem acesso a internet, as

informações estão sempre a disposição. A educação é emoção/relação/afeto, aprendemos com aqueles que convivemos, então se queremos transformar o mundo através do respeito, amor e responsabilidade, devemos buscar ampliar os contextos em que educadores sejam exemplos de ações para construirmos uma sociedade que se deseja: justa, igualitária, amorosa e ética.

A aprendizagem é uma parte relevante da educação, só é estabelecida pela relação com o outro, considerando a educação um processo cíclico, em que acontece de forma mútua e espontânea, ao qual geramos mundo pela convivência. Maturana propõe “[...] a educação como “sistema educacional” configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação. Os educadores, por sua vez, confirmam o mundo que viveram ao ser educados no educar”(MATURANA, 2002, p.29). Desta forma, educamos conforme vivemos esta educação, e pela mesma é o modo como construiremos nosso mundo.

Freire (2014) discute que a tarefa fundamental e libertadora de um educador é fazer com que os sujeitos sejam protagonistas de sua própria história, que eles possam ter a liberdade de seguir o caminho escolhido, sem que um adulto faça essa escolha por ele, pensando em um futuro de êxito, sem muitas vezes ter escutado o desejo do sujeito, impondo regras para que sejam aceitos pela sociedade. E ainda acrescenta que “[...] não é para encorajar os objetivos do educador, e as aspirações e os sonhos a serem reproduzidos nos educandos, os alunos, mas para originar a possibilidade de que os estudantes se tornarem donos de sua própria história”(FREIRE, 2014, p.116). Paulo Freire ainda ensina:

É o respeito a essa identidade, sem o qual o esforço do educador fraqueja, tem que ver com essa leitura que a criança faz do mundo e com a qual ela chega à escola. É uma leitura que ela aprende a fazer, no convívio de sua casa, no convívio de sua vizinhança, de seu bairro, de sua cidade, com a marca forte do corte de sua classe social. Com essa leitura ela chega à escola, que, quase sempre, despreza esse saber anterior. Nessa leitura ela traz obviamente a sua linguagem, ela traz a sua sintaxe, ela traz a sua semântica (FREIRE, 2014, p. 174-175).

É interessante e significativo refletir sobre o mundo ao qual desejamos e queremos deixar como herança àqueles que virão e usufruirão dessa educação mais focada no amar e brincar. Se queremos um mundo em que a criança aprenda a respeitar, aceitar e amar, temos que conviver na aceitação, no respeito mútuo e no amar, pois o educação é vivida no fluir do nosso viver. Portanto, essa educação

deve ser embasada no amar, na emotividade que fundamenta o ser humano, que faz legitimar o outro como verdadeiro, vislumbrando-se o crescimento individual e não negando o outro na relação. Humberto Maturana reflete:

Não castigemos nossas crianças por serem, ao corrigir suas ações. Não desvalorizemos nossas crianças em função daquilo que não sabem; valorizemos seu saber. Guiemos nossas crianças na direção de um fazer (saber) que tenha relação com seu mundo cotidiano. Convidemos nossas crianças a olhar o que fazem e, sobretudo, não as levemos a competir (MATURANA, 2002, p.35).

O ambiente escolar acaba, de certa forma, corrompendo o processo da construção de identidade, pois valoriza aquelas configurações formais e técnicas, exigidas para abastecer a sociedade, quando se poderia ensinar e aprender os conteúdos curriculares com a voz e participação ativado aluno, fazendo emergir o ser genuíno que ele é, para conversar sobre o que pensa sem receios de se expor; porém, em muitos casos, ele é condicionado a apenas ouvir o que o professor tem a transmitir — exemplo daquele ensino mecanicista —, assim seu conhecimento prévio, sua bagagem de vivências e experiências seriam desvalorizados, tornar-se-iam insignificantes frente ao conhecimento e saberes do professor, sendo "inutilizados" e não funcionais à aprendizagem, então, as subjetividades e esse saber autêntico do aluno e que contraria o "já pronto" são percepções e vivências em outros espaços suspensos, fora do território físico da escola. Conforme Paulo Freire(2014):

Antes das disciplinas, transcendendo as disciplinas, as categorias de tempo e espaço para olhar pro mundo sem o viés das disciplinas. Essas categorias, independentes das disciplinas, nos situam historicamente e nos dão liberdade na construção de conhecimento. Com isso, e conscientes historicamente, temos também a liberdade de transitar pelas disciplinas em função das questões que nos colocamos no estar-no-mundo. (FREIRE, 2014,p.189)

A partir das reflexões, entre tantos questionamentos, pontuo qual o papel do professor na educação? O saber-fazer do professor na educação é tema indiscutível, pois seus saberes e o aprender só serão possíveis nas relações com o viver. O papel do professor está como um intercessor, possibilitando aos alunos condições para produção e construção de seus próprios saberes e conhecimentos, quando é essencial valorizar a criança e suas vivências, experiências e saberes. De acordo com Schlichting e Barcelos:

A aprendizagem é um fenômeno que acontece na interação entre seres vivos[...]. Um professor serve de guia para orientar e para criar na interação com os alunos um espaço relacional ou domínio de relações no qual acontece a aprendizagem[...] (SCHLICHTING; BARCELOS, 2012, p. 135).

Schlichting e Barcelos (2012) então querem dizer que aprender está na interação com o outro, estabelecendo um ambiente de aceitação mútua, em que o ensinar e aprender é experienciado pela troca entre professores e alunos. Este ambiente educacional de confiança e convivência possibilita o processo de transformação do meio social, mudando de uma sociedade patriarcal, a qual vivemos, que prioriza competição, luta e hierarquia; para uma sociedade baseada na colaboração, no amar, no respeito e confiança as reflexões e mudanças possíveis podem se fazer a longo prazo, mas inadiáveis. Humberto Maturana explica a educação como:

[...] um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente. Há duas épocas ou períodos cruciais na história de toda pessoa que têm consequências fundamentais para o tipo de comunidade que trazem consigo em seu viver. São elas a infância e a juventude. Na infância, a criança vive o mundo em que se funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma. Na juventude, experimenta-se a validade desse mundo de convivência na aceitação e no respeito pelo outro a partir da aceitação e do respeito por si mesmo, no começo da vida adulta social e individualmente responsável (MATURANA, 2002,p.29).

A educação pelos seus processos idealiza um ensinar e aprender que se perpetua no tempo, e que no percurso de vida humano, diga-se da criança e do adulto, assume um significado e formação de longa duração. É por este olhar inédito para uma educação renovada, pensando no aluno como um sujeito em sua totalidade que se deseja mais humanização no trato com o aluno/criança, para que se possa usufruir de uma educação fundamentada na aceitação, no amar e no respeito, o que remete à construção de um mundo mais harmônico nas suas relações, que se baseia em pilares do tipo respeito mútuo, paz social e liberdade, deixando no passado uma educação objetivista, que eleva a perspectiva reducionista de mundo.

No ambiente escolar precisamos compreender a relevância de transcender os conteúdos carregados também com sentimentos e emoções, para que possamos

ver o mundo em um tempo e espaço, ao invés desse olhar apenas pela funcionalidade e amparo das disciplinas; desta forma se promove a liberdade e autonomia para o sujeito ser e estar no mundo do qual ele faz parte, como cidadão e cidadão do mundo. Permitindo-se conhecer a cultura do aluno, sem o viés das disciplinas, há a possibilidade da construção de um conhecimento mais significativo.

Ainda estamos muito arraigados em uma educação tradicional, que pontua a aprendizagem pelos conteúdos programáticos e preparatórios ao mundo do trabalho, por exemplo. Há a necessidade sim de remodelar o sistema de educação, para que se busque priorizar a criatividade e os desejos do aluno em aprender e construir, sentir-se com potenciais à disposição da vida, pois sem estes quesitos não há sentido da aprendizagem e para tal realização precisamos de liberdade. Paulo Freire discorre sobre uma experiência pessoal a respeito:

Quando jovem, aprendi que a beleza e a criatividade não podiam viver escravas da devoção à correção gramatical. Essa compreensão me ensinou que a criatividade precisa de liberdade. Então, mudei minha pedagogia, como jovem professor, no sentido da educação criativa. Isto foi um fundamento, também, para que eu soubesse, depois, como a criatividade na pedagogia está relacionada com a criatividade na política. Uma pedagogia autoritária, ou um regime autoritário, não permite a liberdade necessária à criatividade, e é preciso criatividade para se aprender (FREIRE; SHOR, 1993, p. 31).

Maturana (2002) corrobora a ideia de outros estudiosos e cientistas, de que a infância e adolescência são duas fases da vida humana "obrigatórias" e que merecem compreensão e limites ao mesmo tempo, pois trazem efeitos para o modelo de meio social que carregam consigo em sua bagagem de vivências; para ele, a infância é a base do desenvolvimento, cujo período é onde a criança expande sua capacidade de aceitar e respeitar o outro, a partir da aceitação e respeito de si; já na adolescência, essa se apresenta como uma fase de revalidar esta aprendizagem de aceitação e respeito pela convivência, para que na fase adulta sejam seres social e individualmente responsáveis.

O espaço e contexto escolar têm na maioria das propostas (especialmente nos Projetos Político-Pedagógico, por exemplo) proporcionar condições para que os alunos desenvolvam suas capacidades reflexivas, de ação, de expressão e criatividade, levando em consideração a subjetividade de cada um, reparando o seu fazer e não mudando o seu ser. Através deste contexto relacional, que possibilita aos alunos viverem em colaboração, respeito e aceitação, que podemos

desenvolver uma educação, não naquele ambiente que procura atender a exigências exteriores, através da competitividade e opressão:

É necessária uma postura reflexiva no mundo no qual se vive; são necessários a aceitação e o respeito por si mesmo e pelos outros sem a premência da competição. Se aprendi a conhecer e a respeitar meu mundo, seja este o campo, a montanha, a cidade, o bosque ou o mar, e não a negá-lo ou a destruí-lo, e aprendi a refletir na aceitação e respeito por mim mesmo, posso aprender quaisquer fazeres (MATURANA, 2002, p. 32-33).

De acordo com as reflexões de Freire (1993), para que seja possível uma educação libertadora, tanto alunos quanto educadores devem ser aprendizes, e apesar das diferenças, exercerem seu direito de criticar e questionar o processo do conhecimento. Em contraponto se tem uma educação tradicional, que procura convencer os educandos de algo, impondo conceitos e verdades através de uma relação até autoritária e abusiva, onde o professor é o detentor do saber, agravando ainda mais o quadro com o exercício de uma educação mecanicista ou tecnicista.

A transformação gera em muitos educadores um misto de sentimentos, um deles é a insegurança de se apoiar nas exigências que toda mudança requer, de seguir um caminho desconhecido, sem ter o apoio necessário à essas mudanças requeridas.

É preciso impor nos discursos motivações e coragem para a realização do que se acredita e sonha. Se houver a dominação e controle de propósitos burocráticos e produtivos e que faça acontecer o medo, essas configurações devem ser reconhecidas como alavanca para que o sonho por uma educação libertadora se torne realidade, “[...] quando mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a pôr seu sonho em prática” (FREIRE e SHOR, 1993, p.71).

Maturana (2002) ensina que devemos estar sempre nos questionando, refletindo sobre o mundo ao qual vivemos e queremos, bem como a educação que deve ser embasada por estes questionamentos; assim aprenderemos pela e na relação o respeito e aceitação por si e pelo outro, sem o foco na competição. Como também a respeitar e conhecer o meio social ao qual vivemos, sem a sua negação e/ou destruição.

De acordo com Maturana (2002), o principal papel do ambiente escolar na educação é auxiliar no desenvolvimento da criança como seres humanos através do

respeito a si e aos outros, com consciência do meio social e ecológico, atuando com responsabilidade e liberdade. Devemos refletir sobre o processo de ensinar e aprender que ele vai além do ensino de conteúdos, e é pautada na relação, levando-se em consideração vontades, desejos, vivências que cada aluno carrega consigo.

No contexto educacional estabelece-se um padrão de aprendizagem que toda a criança deve se sujeitar, porém, se o aluno não consegue seguir o padrão, o mesmo não é considerado como “normal” e pode ser que esteja acometido por algum "adoecimento" que dificulte sua aprendizagem ou rendimento. A escola é um ambiente que segue uma homogeneidade segundo a faixa etária para a aprendizagem do aluno, portanto, até então se pode concluir provisoriamente que esses são sujeitos vazios, uma tábula branca a espera de orientação; quase que os conhecimentos além dos muros da escola não são importantes para serem explorados em sala de aula, amordaçando sentimentos, podendo a criatividade, espontaneidade e curiosidade, o que remete a questionar que educação é esta que se está propondo aos alunos-crianças. Conforme Laura Gutman:

Dentro del marco de una disciplina uniforme – está presente la represión de los deseos individuales, relegando las aptitudes, la curiosidad espontánea y la exploración que los niños necesitamos para aprender. Es decir, lá represión atenta contra el aprendizaje, por lo tanto, todo el sistema educativo tal como está establecido es un gran despropósito. No sirve para aprender, sólo sirve para dominar y suprimir todo indicio de creatividad personal (GUTMAN, 2018, p.114).

Segundo Maturana (1998) apud Barcelos e Maders (2016), é na relação com o outro que a criança aprende e constitui seus referenciais, o educar se estabelece através desta relação e de maneira recíproca, quando o aprender espontâneo acontece no tempo de cada sujeito, a todo o momento, em um processo que se prolonga em sua vida. O educar reescreve novos horizontes e possibilidades para reconstruir histórias, então, a educação deve ser baseada no amar e aprendendo a “[...] conhecer um mundo a partir do viver este mundo” (BARCELOS; MADERS, 2016). Humberto Maturana corrobora:

O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. (MATURANA, 2002, p. 29)

As relações são estabelecidas no fluir do viver de cada sujeito, ao qual percebemos no outro um sujeito de confiança ou desconfiança através de nossas experiências e vivências no cotidiano. O educar se desenvolve neste meio de confiança, ao passo que as imposições, exigências e expectativas são deixadas de lado, valorizando a bagagem de conhecimento que cada um carrega consigo adquirida ao longo do caminho percorrido. O ambiente escolar e as relações devem estar regados de amor, de afetividade e confiança para que se possibilite um caminho para novas descobertas, onde o professor passa a ser um mediador destes conhecimentos, pois só se aprende a quem outorgamos confiança.

Estamos visualizando a educação como uma preparação para o futuro, permeado de expectativas e realizações pessoais e profissionais, mas somente se o sujeito for produtivo e subserviente a um sistema mais político e econômico do que humanista, porém, o futuro não está ao nosso alcance, não sabemos como se configura o futuro, mas sabemos o nosso presente, então, a educação deve ser alicerçada no presente, onde as coisas acontecem, fortalecendo a amorosidade, aceitação de si e do outro, além da cooperação e respeito, pois através da convivência se possibilita aquele adulto responsável que contribuirá para um novo mundo, de mais amor e paz.

Paulo Freire, em seu livro "Pedagogia da Autonomia", pontua: “[...] como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?” (FREIRE, 1996, p.154) — é necessário o conhecimento sobre o entorno ao qual se está inserido, pois a partir das condições sociais que vivem os alunos é que irá se estabelecer a compreensão do próprio mundo. Saber e/ou conhecer sobre a realidade desses alunos, é uma forma de estabelecer uma relação que possibilita um repensar sobre a ação educativa e sobre o contexto escolar como um meio de criação e não como reprodução.

6. METODOLOGIA

Buscou-se um olhar sobre o brincar e o amar na educação, que nos parece orientar a um caminho permeado de sentimentos, dentre eles o de amar. Esse amar é uma emoção especial que funda o ser humano e que constitui o outro como legítimo outro na relação; sobre o brincar se vê como um coadjuvante especial que se agrega ao amar numa convivência presente, de forma espontânea, sem

expectativas e objetivos para atender aos desejos e necessidades dos adultos e da sociedade ao qual pertencem — desta maneira é que aceitamos e respeitamos a si e ao outro mutuamente.

Marconi e Lakatos (2017) foram expressivas ao explicarem a metodologia para desenvolver o tema aqui delimitado, que é a pesquisa de campo, porém, note-se que ela não se despe do auxílio que a pesquisa bibliográfica é capaz de oferecer por meio de fontes confiáveis e de autores especializados, cujo formato de leituras se dá através de artigos e obras que se correlacionam com o tema. Para trilhar este caminho buscou-se em Creswell (2010) sua contribuição, indicando que a abordagem qualitativa (CRESWELL, 2010) é a que mais se aproxima do trabalho que se deseja defender, quando é necessário entender as subjetividades que envolvem o fato, o fenômeno, e a partir daí explorar o objeto de estudo, também a partir do foco nos significados que o grupo e/ou indivíduos imprimem sobre sua operacionalidade ou a de terceiros; essa abordagem é a ideal e que corresponde ao objetivo da pesquisa, onde serão analisadas algumas particularidades dos participantes, acerca do tema. Ainda, convém esclarecer:

Mesmo nas pesquisas quantitativas, a subjetividade do pesquisador está presente. Na escolha do tema, dos entrevistados, no roteiro de perguntas, na bibliografia consultada e na análise do material coletado, existe um autor, um sujeito que decide os passos a serem dados. Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc. (GOLDENBERG, 2004, p. 14).

Em toda a pesquisa está o sujeito, o aluno-pesquisador que traz consigo suas especialidades e conhecimentos, mas ao trabalhar a leitura, as análises possíveis, as fontes e autores de destaque, ele terá de confrontar suas certezas com a visão daqueles que consulta e rever, até, as possibilidades de mudar suas certezas e conhecimentos até então.

A abordagem qualitativa permite pelas trocas de saberes, vivências e experiências para a reflexão e compreensão sobre o amar e o brincar no espaço escolar, da prática educativa que ali se gesta, bem como os desafios e perspectivas sobre os alunos-crianças e em relação à família e sociedade. Ao explorar a diversidade que o tema delimitado encerra, carreguei comigo ideias e crenças adquiridas ao longo do trilhar deste caminho; esta bagagem foi possível através das relações com o outro, e que se somaram aos meus conhecimentos e mudanças

sobre minha sustentação, da mesma maneira que acontece com o outro, pela interação das pessoas que interagem, se relacionam ou convivem.

A metodologia da pesquisa a campo foi realizada por entrevista, e novamente Marconi e Lakatos (2017) foram objetivas ao orientar que se refere ao encontro entre duas ou mais pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, e que envolve técnicas específicas para a coleta e tratamento de dados/informações; também, conforme Gil (2008), a entrevista é uma forma de interação social, onde através do conversar se busca a visão, crenças, desejos, sentimentos, entre outros aspectos, que possam assimilar e fazer compreender o tema e seu contexto nesta pesquisa.

Do encontro entre sujeitos, saberes, crenças e pelo conversar estabelecido, obteve-se informações sobre o amar e o brincar na educação infantil, a visão que cada sujeito tem acerca destes temas. A entrevista foi escolhida por ser mais flexível, oferecendo oportunidades de esclarecer e reformular perguntas, observar condutas, perceber sentimentos, gestos, visualizando o contexto de forma ampla.

Por trás do encontro entre sujeitos ocorre toda uma preparação relevante para a entrevista, o planejamento, a escolha dos entrevistados acerca que o mesmo tem conhecimento sobre o tema em destaque na pesquisa e um ambiente confortável e propício para que ocorra sigilo de sua identidade e o conversar se estabeleça de forma espontânea.

Marconi e Lakatos (2017) discorrem que, quando se cativa uma relação de confiança entre o entrevistado e o entrevistador, adquire-se informações que talvez não se conseguiria sem a confiança. Para isto estabeleceu uma conversa afetuosa desde o primeiro contato, esclarecendo a finalidade, objetivos, importância da colaboração do entrevistado para a pesquisa, bem como o sigilo e confidencialidade da entrevista. Criando desde o contato inicial um ambiente confortável e confiável.

Quanto ao tipo de entrevista, caracteriza-se por ser não-estruturada com questões abertas, ou seja, há liberdade de expressão de ambas as partes, quando o aluno-pesquisador é participante — é uma forma mais flexível de entender o outro e se fazer entender. De acordo com Marconi e Lakatos (2017) o aluno-pesquisador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção, o que lhe permite explorar mais amplamente uma questão, e para atender aos objetivos da pesquisa, foram pensados questionamentos que correspondessem aos objetivos específicos. Sobre a subjetividade constante no plano de trabalho:

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo. Desse modo, o encontro que ocorre na situação de entrevista é marcado por emoções e sentimentos que emergem no decorrer desta relação e suscitam reações afetivas no investigador que deve registrar, na exposição de seus dados a irrupção das emoções do outro e também a suas (ROMANELLI, 1988, p.128).

As entrevistas em que os sujeitos expõem suas subjetividades, que não podem ser deixadas de lado nem evitadas, refere-se a um encontro de vivências, experiências, sentimentos e emoções, o que mune as respostas de significados e que fundamenta a pesquisa nas correlações possíveis.

Ainda, segundo Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada o entrevistador “oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessária, enriquecendo a investigação.”

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, p. 146, 1987)

A entrevista semi-estruturada parte de perguntas formuladas pelo pesquisador, questionamentos básicos, para que possa-se iniciar uma conversa sobre os temas da pesquisa. Assim a partir destas trocas, novas perguntas poderão ser formuladas, deixando que o entrevistado responda de forma livre e espontânea, entrelaçando experiências com o foco teórico, cooperando para a construção da pesquisa.

Triviños (1987) reflete que esse método de coleta de informações, a entrevista semi-estruturada, contribui não apenas para expor os fenômenos sociais, mas também para compreender de forma total situações singulares e coletivas.

Considerando os autores aqui constantes e suas orientações, pode-se registrar que as entrevistas aconteceram em dois momentos: o primeiro a apresentação do projeto de pesquisa; e o segundo momento quando a entrevista se compôs de um roteiro (Apêndice A) pré-estabelecido, até mesmo com a liberdade de

se acrescer novas perguntas que surgirem no decorrer da conversa.

Dos sujeitos envolvidos na pesquisa a campo e referente às entrevistas, foram convidadas professoras que atuam na área da Educação Infantil, que conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)³ faz parte da primeira etapa da educação básica, recebendo crianças de zero a quatro anos nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI), e cinco anos na pré-escola, que atenderiam ao objetivo de se compreender a visão de cada sujeito sobre o amar, o brincar e a educação nos distintos contextos que estão inseridos.

Não obstante, as participantes da entrevista são professoras da educação infantil de diferentes etapas, a exemplo do Berçário, Jardim e Pré-Escola Pública, e uma professora que atua numa escola particular (Etapa I), com crianças de três anos de idade.

Para a realização das entrevistas, os trâmites foram: (1) fez-se o convite de forma presencial, com a explicação do que se tratava, expondo-se o tema e os objetivos da pesquisa; (2) a partir do consentimento foi marcado dia e horário para os encontros individuais; (3) durante a coleta dos dados foi utilizado um gravador de voz, de forma a ser possível analisar o material a *posteriori*; (4) a aluna-pesquisadora adotou os princípios éticos vigentes nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, pela Resolução n. 466/12, no que se refere ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e, em relação a estas questões éticas as Diretrizes e Normas referem-se que:

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe com consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que, por si e/ou por seus representantes legais, manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

Entende-se por Processo de Consentimento Livre e Esclarecido todas as etapas a serem necessariamente observadas para que o convidado a participar de uma pesquisa possa se manifestar, de forma autônoma, consciente, livre e esclarecida.

- A etapa inicial do Processo de Consentimento Livre e Esclarecido é a do esclarecimento ao convidado a participar da pesquisa, ocasião em que o pesquisador, ou pessoa por ele delegada e sob sua responsabilidade, deverá:

- a) buscar o momento, condição e local mais adequados para que o esclarecimento seja efetuado, considerando, para isso, as peculiaridades do convidado a participar da pesquisa e sua privacidade;
- b) prestar informações em linguagem clara e acessível, utilizando-se das estratégias mais apropriadas à cultura, faixa etária, condição socioeconômica e autonomia dos convidados a participar da pesquisa; e

³ Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394>> acessado em 28/12/2019.

c) conceder o tempo adequado para que o convidado a participar da pesquisa possa refletir, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

- Superada a etapa inicial de esclarecimento, o pesquisador responsável, ou pessoa por ele delegada, deverá apresentar, ao convidado para participar da pesquisa, ou a seu representante legal, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que seja lido e compreendido, antes da concessão do seu consentimento livre e esclarecido⁴.

Sobre a análise e interpretação das entrevistas seguiu-se o que foi sugerido por Bardin (2011, p. 37), quando esclarece que a “interpretação de fatos e fenômenos pode vir de “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, assim, pode-se aplicar em diversos discursos e formas de comunicação, compreendendo mensagens, características, conhecimentos de conteúdos, ampliando visões sobre o se é informado pela fala”.

Bardin(2011) ainda destaca que há três fases para a análise do conteúdo:(a) Pré-análise é a organização de documentos que serão analisados, sua escolha, objetivos, hipóteses e preparação do material, no caso desta pesquisa realizou-se entrevistas, então sua pré-análise é a transcrição; (b)após se tem a exploração do material que compreende aprofundamento nos temas levantados durante as entrevistas, realizando escolhas, recortes e seleção pelas características comuns das entrevistas; (c) e para a finalização o tratamento dos resultados, lapidação do conteúdo, que é tornar o processo válido e significativo, encontrando sentido por trás do discurso latente — a comunicação é atravessada por diversos contextos e, por esta razão, apresenta uma visão rica podendo, então, ter uma infinidade de interpretações e que podem permitir através da análise de conteúdo refletir sobre o que está escondido.

Para a devolutiva as professoras participantes da pesquisa será disponibilizada a dissertação após a sua conclusão, para que possam ter acesso ao trabalho, assim como se estenderá o convite para a apresentação da defesa.

7. SOBRE OS ENCONTROS: AS ENTREVISTAS

Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos

⁴ Disponível em <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acessado em 08/08/2019.

e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro. (Rubem Alves⁵)

Esta pesquisa busca compreender o conhecimento e experiências que as professoras da Educação Infantil de escolas públicas e privada vivenciam o amar e o brincar dentro de seu contexto e de como a infância e educação estão sendo visualizadas, relacionando com o processo de formação durante sua trajetória. Na transcrição das entrevistas se mantiveram as falas originais das professoras, sem alterações e correções. Segue, com os nomes codificados, as narrativas das entrevistadas:

- Luna tem 45 anos, sua formação é no Curso Normal de nível Médio, Magistério, superior em Pedagogia concluído em 2008, na Unopar, com pós-graduação em Gestão Escolar, começou sua caminhada na educação Infantil em 2014. Tem um filho adolescente, é casada, professora do Berçário I de uma Escola Municipal de Educação Infantil e também trabalhou como Atendente Educacional. Foi à primeira entrevista realizada, no início do encontro percebeu-se que Luna estava nervosa, conversamos um pouco para após iniciar a entrevista, proporcionando um ambiente confortável aonde tivemos momentos de descontração, concedendo espaço para relatar vivências de sua vida profissional como também pessoal.

- Bela tem 33 anos, sua formação é superior em Pedagogia concluído em 2012 na Unopar, começou sua trajetória na Educação Infantil no ano de 2013. É casada, não tem filhos, professora da pré-escola de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental e também trilhou seu caminho em uma Escola Municipal de Educação Infantil. O encontro com Bela foi magnífico, visualizava-se em seu olhar o encanto e paixão por ser professora, tivemos momentos de emoção, em que as lágrimas não se contiveram em aparecer, assim pode-se perceber que o encontro com Bela foi de confiança e segurança. Não vimos passar o tempo, conversamos por horas, uma troca de conhecimentos, experiências e vivências.

- Marsha tem 30 anos, sua formação é superior em Pedagogia concluído em 2013 na Unopar, com pós-graduação em Educação Especial Inclusiva. Tem dois filhos ainda crianças, é casada, professora do jardim em uma Escola Municipal de Educação Infantil, bem como da pré-escola de uma escola do interior. Marsha é

⁵ Disponível em <<https://rubemalvesdois.wordpress.com/2009/07/22/carta-a-um-amigo-2/>> Acessado em 15/02/2020.

muito espontânea, divertida, desta forma foi muito interessante conversar com ela, ver o seu entusiasmo, seu jeito espontâneo de ser com as crianças.

- Dora tem 30 anos, sua formação é superior em Pedagogia pela Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Campus Santiago, concluído em 2011, pós-graduação em Educação Infantil e em andamento pós-graduação em Neurociência e aprendizagem na educação infantil e nos anos iniciais. Trabalhou na educação Infantil durante a formação como estagiária em 2008, assumindo sua turma em 2012 como professoras regente. Tem um filho ainda criança. É uma pessoa meiga que tem em seu olhar um brilho e encanto pela profissão e principalmente pela Educação Infantil.

8. O BRINCAR E O AMAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERSPECTIVAS DAS PROFESSORAS

A cada filho que nasce, Nasce uma nova lição.
Os pais aprendem que amor não combina com razão.
Não tem regra a ser seguida, Não tem peso nem medida,
Ta na essência do ser de apenas ser amor.
(BRAULIO BESSA⁶)

A troca afetiva entre o bebê e a figura materna, realizada pelo amor, permite que a criança possa amadurecer e desenvolver o seu emocional de forma saudável, sentindo-se vivos e existindo nesta relação, necessitando viver este amor materno para assim crescer na confiança, no respeito e aceitação mútua, como foi visto a partir dos autores.

No ambiente escolar esta continuidade do amor deve acontecer na relação professor-aluno, pois muitas famílias por necessidade de trabalhar deixam seus filhos desde os quatro meses nas Escolas de Educação Infantil, em turno integral, onde ficam o maior tempo no ambiente escolar que familiar. Desta forma, podemos descrever algumas necessidades vitais para o bebê que, segundo Lejarraga (2012, p.23) “[...] poderiam ser sintetizadas em termo gerais, como necessidade de comunicação com outro humano, de ser visto e ser cuidado, de contato íntimo, corporal e afetivo”.

⁶ Disponível em <<https://www.tudoepoema.com.br/braulio-bessa-ensinar-pra-aprender/>> Acessado em: 30/04/2020.

Podemos observar este cuidado amoroso na fala da professora Luna, que trabalha as crianças do Berçário I, com idades a partir de 4 meses:

Sempre costumo falar nas reuniões que eu faço do início do ano para apresentação com as mães e com os pais, que eles estão deixando conosco o que eles tem de mais importante, pois os filhos vão ser sempre os mais importantes na vida da gente, eles tem que ter um discernimento disso tem que saber e procuro dizer sempre para os pais e fazer, dar o máximo de afeto porque às vezes as crianças ficam lá das 7:30 da manhã às 18 horas da tarde e daí que horas ficam com as mães, sabe que precisam, mas e aí o convívio com a família é menor que conosco e por isso a gente precisa priorizar bastante o afeto e o cuidar. É todo um cuidado diferenciado que só é possível quando se tem afeto.

Luara Gutnam (2018) aponta as relações necessárias que a criança estabelece tanto com a figura materna quanto com os adultos que convive, porque é através deste encontro no amor que a criança inicia a adquirir suas crenças, opiniões, liberdade, valores, seu mundo de vivências e experiências. Esses reflexos de intimidade com adultos em nossa infância revelam o adulto que a criança tornará um dia; muitas famílias acreditam que, quando não se fazem presentes e disponíveis, suprem esta ausência e negação com mercadorias, com brinquedos e eletrônicos, mas acabam por não atenderem as necessidades básicas a exemplo do cuidado, do fator presença, do exercício do afeto, e outros aspectos que dão o suporte para a organização deste sujeito em sua vida bio-psico-social. Segundo Laura Gutman:

Durante la niñez se organizan las sensaciones básicas, que luego van a ser el soporte de toda nuestra organización psíquica posterior: nuestra creencias, opiniones, pensamientos, órdenes amorosos, sexualidad, seguridad interior, libertad y despliegue. En efecto, aún no alcanzamos a vislumbrar el impacto que tiene – sobre la totalidad de cada vida humana – las experiencias amorosas durante la niñez, o por el contrario la costumbre de vivir en soledad o aislados afectivamente por la distancia emocional de nuestras madres (GUTMAN, 2018, p. 49).

A entrevistada Bela pontua a relevância do afeto nas relações, pois em suas vivências no cotidiano escolar seus alunos narram e demonstram muitos conflitos familiares, geralmente ocasionados por esta ausência. Ela também narra suas experiências pessoais quando criança, até mesmo questionando seu comportamento materno e o que poderia ter sido diferente:

Na escola tem muitas crianças que ficam turno integral na escola, esse

contato com a família só é feito à tardinha quando chegam em casa daí já tem que lanchar, tomar banho e vai dormir não tendo esse contato muito próximo com os pais, permanecem mais tempo na escola que em casa. Então muitos problemas em casa eles acabam trazendo para escola e é às vezes esses problemas são decorrentes dessa falta da família. Podemos dizer família entre aspas porque eles não tem aquele momento de fortalecer os vínculos ali como a gente troca de afeto, de carinho, tem a correria do dia a dia, mas é o que eu digo assim ó tem muita gente que questiona porque não tenho filhos, eu já completei 13 anos de casada, digo que se eu pensar muito não terei filhos, vivo muita esta questão eu já vivenciava desde criança porque a minha mãe é professora então assim ó a questão de que as vezes não ter o tempo ideal para dar ao teu filho, isso que na minha época não existia EMEI, mas tipo tinha dias que eu não sabia muito aonde que ia ficar, acabava indo para o colégio junto com a mãe então são situações que eu disse filho é para vida toda não tem um botãozinho do desliga ali agora não quero ter, é uma responsabilidade muito grande então assim hoje em dia as pessoas acham que como existe o terceirizar é muito fácil. Eu acho que essa disponibilidade ela é relevante, por que como é que se faz esse afeto como é que você vai ter esse carinho se tu não está disponível para ele, a criança tem que ser a prioridade.

Lejarraga (2012, p.24) destaca que Donald Woods Winnicott usa o termo "amor" como circunstância para que os cuidados maternos sejam suficientemente bons, que pelo amor é estabelecida uma relação e sentimento de confiança; estes cuidados iniciais que o bebê necessita só são possíveis através do amor, e para isto é preciso estar disponível, suprimindo as demandas, ao contrário, com ausência de prazer por se estar presente, o que é operado se reverte em sentido monótono, mecânico e inútil — estes cuidados iniciais maternos, de sustentação, Winnicott (1983) denomina como *holding*, gerando um ambiente de confiança.

Este ambiente em que a criança/bebê deve ter em suas relações, pode-se perceber em determinados ambiente escolares, na entrevista com a professora Bela ela destaca que,

[...] na escola falam como tu é muito afetuosa, mas eu sei como eles são assim e eu é óbvio que tu não vai está gritando e essa turma era maravilhosa foi muito difícil a despedida nós, criamos um vínculo muito forte e foi difícil ali em novembro, dezembro foi horrível sabe era recíproco. As professoras que iam substituir ficavam encantadas porque tinha umas que pediam para levantar para ir colocar o lixo, mas eu digo isso não é eu que impus isso é coisa deles porque são coisas que a gente vai criando juntos, os nossos combinados mesmo criamos juntos, uma coisa que eu sempre digo para eles que eu não gosto de gritaria dentro da sala, a profe não quer que ninguém seja estatua mas a gente não precisa gritar, tem um momento da conversa ele tem um momento de prestar atenção então acho que o amar é isso tu saber que ser uma pessoa afetuosa com eles mas ao mesmo tempo tu ensinar que existem os limites não vai deixar eu fazer tudo o que quer.

Esta convivência estabelecida e fortalecida no amor, faz com que as crianças

aprendam pelo exemplo que a professora Bela demonstra no cotidiano escolar, ela quer se referir a modelos; que da mesma forma que ela não grita, os alunos compreenderam que cada um tem seu espaço, que é disponibilizado o momento para falar e cada um respeita. Desta forma, as crianças compreendem com o professor como ele é, não o que se fala, é como se o professor fosse um espelho, que refletisse sua imagem no aluno. Podemos observar na fala da Bela, ao qual se emocionou, aonde o processo de separação com seus alunos foi um momento difícil, pois viveu momentos de construção coletiva, nada foi realizado de maneira imposta as crianças, possibilitando ser realizado pela troca de sentimentos e pela confiança estabelecida desde o primeiro contato, respeitando a legitimidade do outro como verdadeiro outro. Humberto Maturana explica:

Ciertamente, basta mirarlo que le pasa al niño cuando uno lo acepta en su intimidad y legitimidad. Creo que esa es la experiencia más conmovedora que uno puede tener con un niño(...)Si el niño se siente reconocido en su legitimidad, nos da la mano y en ese momento acepta el espacio de convivencia que le ofrecemos (MATURANA, 2005, p. 51).

Conforme Lejarraga (2012), Winnicott reflete que a partir da situação de que a criança/bebê precisa ser olhada e escutada para ser cuidada, para que possa existir e construir sua própria identidade, havendo a necessidade deste olhar materno confiável e amoroso para sentir-se viva e espontânea, capaz. É pelo olhar materno que se inicia a apresentação e concepção de mundo à criança/bebê, ampliando suas relações conforme os diferentes ambientes sociais, a exemplo do contexto escolar, que é constituído e atravessado por mundos singulares, que (in)diretamente, pela convivência, influem na construção do mundo e da história de cada sujeito:

É fundamental que a criança tenha tido a experiência de ser o criador do mundo, para que se constitua e fortaleça sua capacidade criativa, condições para dotar o mundo de valor e sentido. Se a criança não cria o mundo, ou seja, se não tem experiência pessoal de estar participando ativamente como algo próprio, do contato com a realidade, essa realidade não adquire consistência e valor (LEJARRAGA, 2012, p.78).

Pode ser relevante que a criança consiga um espaço ao qual crie seu mundo, para constituir sua genuína criatividade e percepções através do que vivência e experiência com suas relações. Para criar estes mundos é necessário se sentir parte do mesmo, possibilitando pela confiança e imaginação uma maneira própria de se

relacionar com a realidade e de entrar em contato com o mundo. Nas escolas, precisamos visualizar a educação no amor, valorizando a criança na sua espontaneidade, em sua alegria, sem expectativas, vivendo o presente e respeitando o tempo de cada sujeito para o desenvolvimento. No diálogo com a professora Dora, há valorização e compreensão em sua prática a relevância de uma educação alicerçada no brincar e amar. Segundo Dora,

Penso que para criança, quando um adulto sendo ele da família ou professora, disponibiliza um tempo especialmente para brincar com ela, para viajar nesse mundo da imaginação, do faz de conta, é uma forma dela se sentir amada, se sentir importante, acolhida, de se sentir bem naquele ambiente. Brincar é uma forma de Amar. Essas questões são a base das minhas práticas e também está presente na proposta da Escola em que trabalho e que acredita que o brincar na Educação infantil é o alicerce das construções desenvolvidas, elaboradas, potencializadas, estimuladas, aprimoradas é através dessa ação fundamental que conseguimos fazer com que nossas crianças sintam-se acolhidas, seguras e felizes no ambiente escolar. Que aprendizagem ocorra de uma forma tranquila, respeitando cada criança, suas individualidades e a sua fase de desenvolvimento.

Da mesma forma, percebe-se no relato da professora Bela, quando a mesma faz perceber a importância de saber respeitar o tempo de cada criança, mas há uma preocupação por parte da família para que o aluno aprenda cada vez mais cedo e se destaque das demais, o que gera uma contradição:

Para nós é uma etapa bem difícil, no sentido que eles vem da EMEI, naquela questão mais infantil e nós temos que preparar para o primeiro ano, não que perde toda aquela magia, mas é bem menos, então nós temos que mediar a infância deles como eu digo aquela questão da fantasia que vem da EMEI porque ali é a última etapa da Educação Infantil, e já preparando para algo diferenciado, para conteúdos, a gente começa apresenta ao mundo das letras e números mas de uma forma mais comum, de cara quando vai para o primeiro ano já é diferente, agora já mudou a alfabetização acontece no primeiro e segundo ano então é meio complicado, porque assim as vezes a criança não adquiriu ainda a maturidade necessária.

É preciso que a educação seja estabelecida no brincar e no amar, uma maneira acolhedora, espontânea e criativa para que cada criança possa se desenvolver, fazendo respeitar o seu momento. Em uma sala de aula existem seres humanos de diferentes realidades, que ao conviver desta forma possibilitará um aprendizado mais efetivo através da experiência do que com sistemas de ensino conteudistas, olhando as crianças como seres únicos e com suas singularidades, pois ao vivermos estas relações constituídas pelo amor e no brincar se estará

presenciando uma educação menos competitiva e impactante, respeitando e valorizando o sujeito em sua integralidade e legitimidade, considerando que: “A relação pedagógica quando perpassada pela afetividade, pela amorosidade e pela dialogicidade, oportuniza o desenvolvimento da educação como prática de liberdade e de humanização” (NASCIMENTO, AZEVEDO e GHIGGI⁷). Marsha explica:

Educação só acontece se você tem amor naquilo que você faz e acredita na transformação, no novo, nos desafios. Acredito que seja um conjunto associado de paciência, experiência, sequência, você deve propor para essa criança algo associado ao amar e brincar quando apresenta uma brincadeira não significa que dela não vai acontecer o aprendizado.

Vejamos também o que Dora compreende por educação:

A Educação é o que nos move, é ação, é o que engloba o processo de ensinar e aprender, é a troca de conhecimento, é valorizar a bagagem de cada um e instigar novos saberes, é o que promove, estimula, aprimora de alguma forma o desenvolvimento global, buscando desenvolver os aspectos físicos, sensoriais, emocionais, cognitivo e moral das pessoas. Penso que o amar e o Brincar na Educação andam de mãos dadas, estão indissociáveis, eu acredito que o amor tem que estar presente em tudo que fizemos ou a magia não acontece, através do Brincar conseguimos criar laços, construir e transformar o mundo, renegociar e redefinir a realidade, elaborar de forma independente suas emoções, sentimentos e conhecimentos, propiciando alegria ao aprender, promovendo assim uma educação de qualidade, prazerosa e significativa.

Como nas falas das professoras, devemos tentar realizar uma educação sensível, aonde possamos viver esta educação através do amar e do brincar. Mas a escola é considerada uma preparação para a vida, para o mercado de trabalho, para uma sociedade que está em constante competição, desta forma há um depósito de conteúdos, desrespeitando o saber do aluno, em que não tem vez, tampouco voz. A compreensão que se tem sobre educação é algo sendo imposto dos adultos, não prevalecendo o desejo das crianças. O contexto educacional deve priorizar uma educação no amor, pois o mesmo é um lugar de trocas, de conhecimento e vivência, iniciando na Educação Infantil sendo perpassado aos outros níveis da educação.

A professora Luna em sua fala coloca esta troca que ela vivência em sua turma entre professor-aluno, mas que ocorre também entre aluno-aluno.

A criança aprende muito na convivência com o outro, eles aprendem, até

⁷ Disponível em <<http://coloquio.paulofreire.org.br/participacao/index.php/coloquio/viii-coloquio/paper/download/46/272>> Acessado em 10/01/2020.

tem umas crianças que se sobressai, no sentido de querer ajudar o coleguinha tu dá uma atividade, o coleguinha não consegue ele vai lá ele ajuda essa cor é essa a troca deles é impressionante eles interagem com outro e tem uns que tem mais afinidade com um e não com outro, mas a gente vê que eles aprendem muito um com o outro.

Quando observamos estas vivências na Educação Infantil, remetemos a troca e o aprendizado que a criança tem dentro do contexto familiar, pois é neste espaço que construímos nossas primeiras relações, com a figura materna e com os demais membros, estes comportamentos de muitas vezes a criança ajudar a outra comocitado por Luna, é uma experiência que ela observa sua família fazer, assim compreendemos a importância que estas instituições têm na vida de uma criança, uma é o complemento da outra. Tem que haver um trabalho em conjunto família-escola, pois são crianças a partir de quatro meses que iniciam a frequentar as Escolas de Educação Infantil.

Essas relações devem ser vivenciadas no amor e no tempo presente, mas percebe-se que muitas vezes a família não está disponível à criança, pois no momento do brincar, estamos pensando no trabalho ou em outras atividades e não entregues a esta ocasião, e/ou muitas vezes, crianças são compensadas pela falta de tempo dos pais estarem com eles, por brinquedos caros, tecnologias, que cada vez mais estão presentes e viciando-as. Na reflexão realizada por Luna há uma preocupação quanto à parte afetiva destas crianças;

Na escola ao qual trabalho, as famílias possuem um padrão financeiro de médio a alto, nós somos bem elitizadas, uma minoria que a gente tem que ter um olhar diferenciado pela carência material, em relação a afetiva ali por tudo ser uma classe financeiramente mais estável tem pessoas que têm condições financeiras mas as condições afetivas é deixada de lado e aquele às vezes mais humilde tem uma afetividade maior. A gente observa os pais acham que a parte financeira compensa a parte afetiva, então tem brinquedo de tudo que possa imaginar, e até temos dificuldade na EMEI porque não tem nada de diferente para oferecer mas eles não tenham afetivo e eles ficam o tempo todo querendo chamar atenção do professor nessa parte afetiva.

Bela durante a entrevista coloca um exemplo destes afetos que temos dentro da família que são tão essenciais para as crianças. Ela trouxe uma experiência pessoal, onde muitas famílias da nossa sociedade de hoje vivência:

E o afeto principal entre figura materna, não necessariamente que seja uma mãe, mas alguém que faça esta figura, onde é que vai ficar esses cuidados que são tão essenciais. Eu tenho uma amiga que ela trabalha bastante, ela

é cabeleireira e tal ela tem uma menininha que tem uns 4 anos e ela paga uma cuidadora, só que essa criança tem pais separados, e a cuidadora tem a família toda estruturada esposo tem um filho que é grande tal ela se apegou tanto essa família que na verdade para ela a família da cuidadora que é a verdadeira família dela porque aonde ela tem atenção todo mundo sentam para brincar com ela, tem carinho tudo as coisas que ela não tem na casa dela.

Maturana e Verden-Zöllner (2004) ressaltam que a interação entre mãe-filho deve ser no amor e no presente, uma relação de cuidado e disponibilidade para este cuidar constantemente, pois quando isto não ocorre, as crianças se tornam invisíveis perante o olhar materno, que inicia a apresentar um mundo, para que através destes aprendizados possa construir sua identidade e ter consciência e respeito de si e do outro, assim quando não ocorre esta visualização da figura materna sobre a criança por meio de uma relação no presente o mesmo é um ser negado. Nas palavras dos autores;

Consideramos por um momento a relação mãe-filho. Façamos isso entendendo que a maternidade é uma relação permanente de cuidado que um adulto adota com uma criança. Ela pode ser realizada tanto por um homem quanto por uma mulher. Quando a mãe esta atenta ao futuro de seus filhos enquanto interage com eles, na realidade não os encontra na interação. [...] quando uma mãe que faz algo com seus filhos esta atenta aos resultados do que esta sendo feito, ela na verdade não os vê, não esta com eles no presente da intimidade corporal de seu fazer comum. (MATURANA, VERDEN-ZÖLLNER. P.137,2004)

Aconteceram muitas mudanças em nossa sociedade e ainda outras estarão por vir. A mulher não trabalhava, sua tarefa eram os cuidados com os filhos e a casa, esta realidade foi sendo modificada, e a mulher adquiriu seu espaço na sociedade, o direito de igualdade no trabalho. Assim o tempo para os cuidados da casa e filhos teve que ser dividido, tendo este tempo com os filhos mais curto, mas não devendo ser extinguido. Luna expõe sua história pessoal e a importância de dedicarmos o tempo a criança e família, pois na era tecnológica, estamos substituindo a presença física pela virtual;

Eu tenho só um filho e brinquei bastante com ele apesar de ter pouco tempo pela vida corrida. Quando ele nasceu eu trabalhava numa escola 40 horas, pelo próprio dia a dia o meu filho com quatro meses já tive que deixar na casa pois não tinha as EMEIs como tem possibilidade hoje. Mas sempre tive tempo disponível a gente brincava, sentava, conversava e hoje continua assim na minha casa, eu priorizo na hora do almoço e da janta que todos estejam junto, todos têm que ser ao mesmo tempo, para a gente ter esse momento de família. Pela própria correria do dia a dia cada vez mais as

crianças estão bebezinho de 4 meses e meio frequentando as escolinhas. É que também mudou a nossa sociedade, eu que tenho uma experiência maior de vida, se pegar a minha realidade, minha mãe foi uma pessoa que ficou em casa só em casa cuidando dos filhos e eu que já não sou tão nova também eu já tive que deixar o meu nas casas para ir trabalhar e agora os mais novos mais ainda. Os pais estão substituindo o tempo com a família com celular.

Rubem Alves em uma entrevista a escritora e filósofa Viviane Mosé, no livro *A Escola e os Desafios Contemporâneos* (2013), pontuam sobre esta relação contemporânea entre os pais e filhos;

Sabe o que eles precisam buscar? Eles precisam aprender a amar os filhos. Eu estava caminhando numa manhã de sábado, num bosque lá em Campinas que tem várias coisas para as crianças. Vi uma cena e fiquei perplexo: era um pai com o filinho, o filinho estava balançando. O pai balançava o filinho com a mão esquerda e com a mão direita ele lia o jornal. Quer dizer, aquele momento muito raro, aquela criança daqui a pouco vai ser grande, não vai ser mais dele, e ele não tinha aquela relação afetiva de brincar, estava lá para cumprir sua obrigação(p.106).

A educação inicia neste processo de relação com a figura paterna e materna, porém não é o ensinamento de normas, regras, conteúdos, mas é pelo cotidiano em uma relação de amor, respeito e legitimidade, é o modo de ser destes, que a criança terá o exemplo e aprenderá através dos comportamentos e convivências. Mas as relações que temos hoje é de competição, inveja, preparação para o futuro, sem tempo para se viver com os filhos, a relação que as crianças terão uma com as outras será desta forma. Rubem Alves na entrevista a Mosé (2013, p.107) exemplifica quando destaca que “as crianças estão brincando, então a menininha tem uma bonequinha, mas a outra menininha tem uma bonequinha que está grávida, que tem um nenezinho dentro da barriga. Aquela fica com inveja, ela tem que comprar uma bonequinha que esta grávida”.

A família está cada vez mais estimulando que as crianças convivam e cresçam neste ambiente de competições, não respeitando e aceitando o outro como legítimo outro em suas relações, bem como estão perdendo sua infância, o brincar não se tem tempo, impondo regras e normas para que se tornem crianças, ou melhor, mini adultos, que em um futuro se destacarão e será de conquistas e poder. Bela destaca que “se eu não tenho uma infância, são adultos em miniatura que são transformadas pela família, pela sociedade, aonde impõe as normas, qual ira ser a profissão, pois tem que ser uma profissão que valoriza o dinheiro”. Em entrevista ao

programa Café Filosófico, Renata Meirelles e Severino Antonio⁸, ambos retratam de que forma estas questões estão acontecendo,

Eu estou muito certa que a gente está vivendo uma sociedade de excessos para infância e que não tem nada a ver com infância essa relação de excesso. Então eu convido a gente repensar as necessidades infantis em relação a ter essa quantidade toda de objetos, de serviços e de ambientes que estão muito vinculados ao consumo. A gente induz a sociedade de consumo para as crianças e aí elas vão ficando enfraquecidas, fragilizadas do seu próprio eu, quando a gente cria essa relação de consumo. Nós levamos séculos para entender que a criança não é um adulto em miniatura agora estamos de novo tratando a criança como adulto em miniatura de que modo? Consumidor adulto, isso é uma tristeza infinita definir a criança como consumidor adulto. Uma médica ativista da infância nos Estados Unidos ela sempre diz que brinquedo bom é assim 90% a criança 10% o brinquedo isso é brinquedo bom para não reduzir a criança a um adulto consumista em miniatura, os brinquedos aqueles em que a criança brinca criadoramente com eles.

Nossa infância está perdendo sua magia, sua fantasia, crianças brincando sem a necessidade de algum objeto, brincam através de sua imaginação, viajam por mundos desconhecidos, um mundo de amor, alegria, de aceitação e respeito. Porém o que visualizamos hoje em nossa sociedade é o desaparecimento desta infância eo tempo de brincar. As crianças estão inseridas em uma era de avanços tecnológicos, em que o brincar está sendo substituído por estes meios eletrônicos, como computadores, telefones, vídeo games, entre outros, cada vez mais a família está impondo atividades para que não se tenha tempo ocioso, este fundamental para um brincar livre, criativo, espontâneo. A professora Bela faz este comparativo de quando ela era criança e como percebe a infância de seu salunos,

Hoje é muito mais fácil o pai pegar um tablet, celular entregar porque ele vai ficar bem quietinho, do que quando a gente era criança. Era diferente a questão de cuidados, se tinha mais tranquilidade no nosso bairro, nossa cidade, não tinha tanta preocupação, os pais sentavam na frente deixavam os filhos brincar era muito diferente. Hoje em dia é raro ouvir na sala de aula ou até mesmo fora da sala às crianças contando esse tipo de experiência, tanto é que tem crianças que não sabem brincar, não sabem compartilhar os brinquedos porque é sempre com um celular, um tablet é uma coisa que faz a criança ficar quietinha e o pai não precisa se preocupar. E a gente tem que nortear porque gera atrito, como é só tu em casa com aquele telefone ou às vezes tem até mais irmãos, mas cada um tem o seu, não tem aquela coisa de compartilhar só que eu vejo assim com essa tecnologia eles acabam perdendo toda a essência porque a gente brincava com coisas simples. Eu lembro, eu tenho um irmão mais velho, ele é três anos mais

⁸ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tc136kE-bQc&list=WL&index=3&t=0s>> Acessado em 24/02/2020.

velhos que eu e nós tínhamos um grupo bem grande na rua, nos brincávamos de jogar taco, tanto menina quanto meninos, eram brincadeiras assim que tipo ah ele é de menino mas a gente brincava era de se esconder sabe eram várias brincadeiras. Hoje as crianças nem sabem o que é isso, jogar taco, era tão bom, podemos viver bem a infância.

Marsha também visualiza de como a era tecnológica está tão avançada na vida das crianças, substituindo o brincar;

“as crianças de antigamente tinham prazer em correr, pular, saltar, ganhar uma boneca então era algo mágico. Hoje as crianças não é qualquer brincadeira que os agrada por questão que a era digital está aí a todo vapor com isso, estamos recebendo em nossas escolas crianças totalmente sem vontade de brincar só ligadas a mídias, sem paciência, sedentárias e penso que a culpa é dos Pais que não impõem limites e nem horários para utilizar essas tecnologias. Sendo mais cômoda uma criança no celular do que “incomodando”.”

Dora assim como as outras professoras, visualiza uma mudança no brincar de sua infância para hoje e o quanto estão perdendo trocando o brincar de forma livre, pelos meio eletrônicos, algo estagnado.

Brinquei muito na minha infância. Brincava com meus primos e vizinhos. Espontaneamente tudo virava brincadeira, não era necessário brinquedos específicos, confeccionávamos o que gostaríamos de brincar, como jogo de taco, bola com meia, folhas viravam comidinhas, pedaços de tecidos roupas para bonecas, banho de chuva terminava em comidinha de barro, foi uma infância rica de boas lembranças e muito feliz. Nós éramos mais livres para brincar, no sentido que tudo era motivo para brincarmos, não era algo tão restrito ao brinquedo, tínhamos outras formas simples como subir em árvores, comidinhas de folhas, de barro, pega-pega, esconde-esconde, entre outras brincadeiras, e o que facilitava tudo isso é que estávamos sempre rodeados de amigos. E agora percebo que devido à rotina dos adultos, das famílias as crianças estão mais limitadas nas brincadeiras, nos espaços, os amigos não estão tão próximos como antes, as famílias cada vez menor, uma grande maioria filho único, pouco contato com outras crianças, muito tem esse contato apenas na Escola.

Estamos vivendo uma infância onde crianças estão sendo enclausuradas e seu futuro determinado por adultos, ao qual julgam ser para o bem dos mesmos. O fala das professoras me lembrou o filme “O Pequeno Príncipe” de 2015, do diretor Mark Osborne, em que retrata a história de uma menina que acaba de mudar-se com sua mãe, que é controladora e deseja para sua filha o que um dia desejou para si, ser aprovada em uma escola conceituada, há um quadro de tarefas e estudos diários, sem poder perder tempo com o brincar. Certo dia ocorreu um acidente ocasionado por seu vizinho, o aviador, com a hélice de um avião. Logo a menina fica

amiga do mesmo, que lhe introduz ao mundo mágico do Pequeno Príncipe, assim a menina aprende a redescobrir a infância.

Segundo Viana (2018), cada vez mais as crianças estão com agendas lotadas e o cotidiano corrido semelhante de um adulto, estas questões nos remete que nossa infância está sendo destoadada do seu verdadeiro sentido. Nesta fase do desenvolvimento nossas crianças deveriam ter o tempo de liberdade para criar, agir de acordo com o seu tempo e seus desejos, se desenvolver, descobrir a si, ao outro e ao mundo, tudo isso através do brincar. Da mesma forma que o questionamento de como será nossa infância e se ainda a teremos me inquieta, há também uma preocupação por parte de Bela,

E onde nossa infância vai parar. A infância é a base de tudo aí como é que tu vai ter uma infância que tu não brincou para desenvolver as habilidades cognitivas, sociais e afetivas. O próprio brincar é essencial para o desenvolvimento dessas habilidades e quando se tornar adulto vai ter filhos e não sabe brincar com esses filhos, ficando esses cuidados cada vez mais delegados a outras pessoas, estão terceirizados o cuidado, a educação tudo eles querem terceirizar porque é uma geração que não teve em sua infância isto.

No ambiente escolar o conceito de brincar também vem sendo destoadado, não é mais realizado de forma livre, espontânea e sem objetivos estabelecidos. Na escola o brincar é realizado através de um método pedagógico, atendendo a objetividade e a preparação para algo futuro. Mas o que é o futuro senão um momento de incertezas, vivendo nele estaremos negando o ser criança, sendo que é no presente que vivemos. Pensando neste viés de que tudo tem uma finalidade, Maturana e Verden-Zöller pontuam que,

Numa cultura centrada na produção – como é ou se tornou nossa cultura ocidental -, aprendemos a nos orientar para a produção em tudo o que fazemos, como se isso fosse algo natural. Nessa cultura, não fazemos apenas o que fazemos. Trabalhamos para alcançar um fim. Não descansamos simplesmente; nós o fazemos com o propósito de recuperar energias; não comemos simplesmente, ingerimos alimentos nutritivos; não brincamos simplesmente com nossas crianças, nós as preparamos para o futuro. (2004, p.143)

O brincar é algo natural para a criança, porém nós estamos descaracterizando-o e desprezando-o, que ao passar do tempo é abandonado e esquecido pelo ser humano. Corroborando com esta ideia de que o brincar precisa ter seu espaço, ser de forma livre, espontânea e sem planejamentos Renata

Meirelles e Severino Antônio caracterizam,

Esse tempo do brincar livre para criança não é, de forma alguma, um mero passar tempo, ao contrário, é uma construção do seu próprio tempo, do seu próprio eu, nosso mundo. As crianças passam grande parte do seu dia dentro das escolas, que respeito a gente de alguma forma tem a esse lugar aonde não se trata de uma atividade proposta e dirigida para criança, mas que a gente ofereça e de um passo para trás para que ela efetivamente faça de si pro mundo o movimento da criança ele é sem planejamento.

Podemos perceber que nas falas das professoras entrevistadas os diferentes olhares sobre o brincar. Bela relata que,

A questão de ter a liberdade de brincar, teve uma semana bem chuvosa e eu disse para eles aproveitem o final de semana, saiam de casa, vão pra fora de casa tirar o mofinho, vão brincar, daí eu sempre contava sabe essas questões essas experiências que eu vivenciei brincando porque às vezes assim eu dizia para ele antigamente no tempo da avó, bisã de vocês lá atrás elas não tinham nada para brincar nem um brinquedo e faziam. Eles começaram a contar, eu disse pergunta em casa como é que foi. Eles começaram a falar realmente o que os avôs faziam naquela época, relataram que até com pedra brincavam, faziam as próprias bonecas. Então questionava, aí você hoje tem brinquedos e se plantam naquele telefone ou só nos joguinhos aquelas coisas. Eu acho lindo no nosso brincar, tu sabe que no eu cuido observo bastante esse brincar deles, porque é ali que tu vê, acaba descobrindo alguma coisa. Sento no tapete brinco e eu fico por ali observando, nó brincamos um pouco, aí tem as maquiagens, eu já saí linda, maravilhosa. Isso é uma coisa assim que é deles sabe e eu esses dias eu tava até conversando com uma conhecida minha que às vezes faz falta é incentivar de estar lá com eles. Na hora da massinha de modelar quando a gente brinca eles fazem comidinhas sai cada coisa, pastel, pizza, eles levam lá e dão para a gente comer. Eles sabem que é uma fantasia daí você come, ficam felizes, porque disse que tava bem boa, isso tudo é entrar naquele mundo do faz-de-conta então assim é aquele incentivo ali que tu dá, ah a profe comeu meu pastel e agora quer um suco sabe daí fazia. Adoro brincar de massa de modelar porque dá para criar. O que é o momento deles colocar a imaginação para funcionar como se diz e poder realmente criar.

Luna apresenta sua compreensão acerca do brincar no ambiente escolar, expondo que,

O brincar é o momento que tu oferece determinada atividade para criança e tu está ali interagindo, tu está brincando junto, mostrando como uma boneca faz, como cachorro faz, nessa interação que estamos ensinando amar e o brincar, como que brinca, como que faz. Principalmente no berçário ele aprende por imitação se eu bater palma para aquela musiquinha ele pode não saber cantar, mas ele vai bater a palma, dançar e se dizer para ele bater o pé da sua maneira ele vai bater o pé.

Masha também reflete a relevância que o brincar tem para o desenvolvimento das crianças:

O brincar acredito que você transforma uma criança, descobrindo muitas coisas nela que nem imagina, sua imaginação, seu convívio familiar, inteligência, concentração, raciocínio. Hoje mesmo existem crianças que nem sabem o que é pular uma amarelinha com 5 anos de idade, falta coordenação em pular em um pé só.

Para Dora, há uma riqueza no brincar, que precisamos vivê-lo em todos os ambiente que a criança percorre, tanto na escola como no familiar.

Sabendo a relevância do brincar na vida da criança, a riqueza que o mesmo proporciona, precisamos valorizar esses momentos em família ou na escola, o brincar "livre", tem uma relevância significativa para criança, alguns autores colocam, que brincar é uma necessidade é o verbo da criança. Enquanto a criança brinca seu cérebro vai se desenvolvendo de forma prazerosa, liberando serotonina, endorfina, dopamina e acetilcolina, entre outros benefícios desenvolvidos na arte de brincar, propiciando condições saudáveis para o desenvolvimento biopsicossocial. Brinco com meu filho e também enquanto professora, participo e brinco com meus alunos, entro na brincadeira como integrante desse momento, seja no salão de beleza, no restaurante, na cozinha fazendo deliciosas comidinhas de massinha de modelar, na terra dos dinossauros, de médico, de família, as vezes filha, as vezes mamãe, tia, dinda, entre outras brincadeiras divertidas e felizes criadas pelas crianças, afinal nesse mundo de faz de conta não temos limites, nossa imaginação voa longe, as ideias são muitas e as aprendizagens então infinitas.

Percebemos visões diferentes do brincar, as que caracterizam o brincar como uma maneira de ensinar, como utilizar determinado brinquedo, um método pedagógico. Não há necessidade de se ensinar como se brinca, pois até mesmo não precisamos de objetos para que o mesmo ocorra. O brincar é um encontro de sujeitos ao qual desenvolve sua imaginação, onde há a descoberta, é um momento de imaginação, fantasias, faz-de-conta, realidade. Cada vez mais as escolas e profissionais da educação estão preocupados em disponibilizar ambientes educativos, esquecendo do tempo para se viver a infância. É preciso rever o viés em que o brincar está sendo utilizado, precisamos ter o olhar de uma criança para esta questão, pois só assim compreenderemos o verdadeiro brincar. Nossa sociedade acabou por menosprezar o brincar, conforme Maturana e Verden-Zöllner,

Nossa cultura ocidental moderna desdenhou o brincar como característica fundamental generativa na vida humana integral. Talvez ela faça ainda mais: talvez negue o brincar como aspecto central da vida humana, mediante sua ênfase na competição, no sucesso e na instrumentalização de todos os atos e relações. Acreditamos que para recuperar um mundo de bem-estar social e individual – no qual o crime, o abuso, o fanatismo e a opressão mútua não sejam modos institucionalizados de viver, e sim erros

ocasionais de coexistência -, devemos devolver ao brincar o seu papel central na vida humana. Também cremos que para isso aconteça devemos de novo aprender a viver nessa atmosfera (2004,p.245).

Os adultos estão perdendo esta capacidade e fazendo com que as crianças não vivam este brincar, e quando acontece é objetivado. Quando falamos que estamos brincando com as crianças, não estamos pelo fato de que quando as crianças brincam, elas vivem e estão envolvidas, enquanto os pais e até mesmo professores, apenas executam por ser seu papel, por ser uma exigência imposta pela sociedade, pensando ser “importante para o futuro deles. Da mesma forma, devemos brincar com as crianças, pois, assim, “pareceremos” que somos “bons pais”(BARCELOS, MADERS. 2016,p.100).

Os adultos estão delegando a responsabilidade às crianças o futuro da nação e por meio delas que a transformação acontecerá, porém acredita-se que isso só é possível quando se está aprendendo conteúdos e não brincando, como se o brincar não ensinasse nada, não desvendasse o mundo, o conhecimento. E em diversos contextos educacionais, desde a educação infantil, está investindo neste processo de abandono do brincar e visando uma formação ou formatação de cidadãos bem sucedidos financeiramente, pois emocionalmente não os serão, pois deixamos de ver o desejo deste sujeito, aniquilando e prescrevendo o nosso desejo. Nossa educação deve estar preparada para buscar ampliar a capacidade reflexiva destas crianças, não à preparação para a fase adulta e o ensino de conteúdos. Conforme Rubem Alves entrevistado por Viviane Mosé,

Uma frase que eu vejo constantemente repetida é a de que uma criança é o futuro, detesto essa frase. Detesto porque acho que a criança é o presente, a criança não existe para ser o futuro, ela existe para ser criança, ela não está aqui para ser preparada para ser um adulto produtivo. Essa ideia de que a escola existe para destruir a criança, transformar a criança que brinca num adulto que produz, isso é de uma maldade, de uma crueldade (2013, p.103-104).

Bela tem esta preocupação de que muitas famílias estão querendo trocar o momento que a criança tem para brincar com atividade extracurricular e até mesmo curricular, está presente em sua fala quando descreve sua experiência com uma família de um aluno seu na pré-escola,

A pré-escola é a última etapa da Educação Infantil e ano retrasado tive uma família que eles queriam saber quando que as crianças vão aprender a ler e

aí eu disse iríamos começar a entrar no mundo das letras, mas a questão de ler eu não vou trabalhar essa questão com eles se pelos estímulos que foram propostos na sala de aula em casa fluir, a criança começar a ler ótimo, mas o objetivo não é esse, não está nos planos de estudo da pré-escola a questão da alfabetização. Então assim tem coisas que cada vez mais cedo as crianças têm que aprender a ler, a falar outro idioma, estar sempre envolvida em alguma atividade para que no futuro elas se sobressaiam sobre as outras e a família, este cada vez mais pressionado.

Rubem Alves (2013) ao ser entrevistado por Viviane Mosé reflete que os pais são considerados inimigos da educação, pelo fato de que eles querem que seu filho seja preparado para o vestibular e conseqüentemente para o mundo do trabalho, pois o aluno que sabe as resposta se destaca mais do que o curioso. Desta forma eles querem conteúdos, sem analisar, por exemplo, na educação infantil, qual o verdadeiro sentido e importância destes para as crianças. Bem como cada sujeito tem seu tempo para aprender, e esta questão não está sendo levada em consideração quando se unifica a idade pra alfabetização, não relevando aspectos individuais, assim devendo estar voltadas para o fazer da criança naquele momento, no presente. De acordo com Barcelos e Maders,

Os diferentes ritmos de aprendizagem dos educandos e educandas devem ser levados em conta e respeitados no processo educativo. O tempo necessário, segundo as especificidades de cada estudante, precisa ser respeitado e aceito de forma natural. Ou seja: não devem ser tomadas como faltas, como deficiências, mas, sim, como insuficiências momentâneas no fazer do estudante. Assim sendo, podem ser corrigidas na medida em que o educar vai acontecendo na aceitação mútua (biologia do amor) e no auto respeito. (2016,p.12)

Em ambiente de sala de aula nos deparamos com sujeitos de diferentes realidade, cada um com sua história, com seus medos, anseios, vivências, (des)encontros e sentimentos, assim também é o professor, sujeitos que se atravessam, para um constituir a história do outro, fazer parte de um percurso, que só é possível pelo afeto, amor, brincar, escutar e respeitar. Bela pontua estas questões em suas vivencias quando relata que a criança aprende pelas trocas que a relação afetuosa proporciona.

Uma criança aprende pelas trocas, não que seja somente conteúdos porque na verdade ela é um conjunto de pessoas e sentimentos. A educação ela não vem só do professor, a criança não é uma tabula rasa, com uma folha em branca, já se traz uma educação de casa, pelas evidências que ela teve com o irmão ou com alguém da sociedade, não é algo vazio, a gente deve valorizar o que as crianças trazem de casa ou do meio que ela está inserida e que muitas vezes não é valorizada. Outra questão que muitas vezes não

tem em casa uma escuta, uma atenção e procuram em sala de aula, vem coisas que é da vivência deles querem talvez um pedido de socorro. É importante essa troca, na verdade eles se sentem à vontade conosco, tu vai criando aquele vínculo com eles, vai dando Liberdade desse momento de conversa tu vai explicando as coisas eles vão me entendendo, começando a confiar em ti é muito importante.

Na citação acima foi incorporado a família neste processo, porém estamos vivenciando uma inversão de papéis, em que os cuidados necessários e a educação da família está sendo delegado a outras pessoas. Muitas vezes os pais estão cheio de afazeres e delegam para as escolas e/ou cuidadora desempenhar a função de figura materna e paterna, e cada vez mais a escola precisa ser um espaço de confiança e amor, para acolher estas crianças, mas precisamos compreender que o tempo passa e não temos como retornar ao passado para reviver a infância de nossos filhos. Viviane Mosé pergunta a Rubem Alves “você acha que aquele pai dá à escola um papel que ele não está desempenhando?”(MOSÉ,2013, p.106) e ele responde:

A educação está sendo terceirizada, você não tem mais a obrigação de educar. Uma vez eu estava atendendo um paciente e ela estava com a dor na consciência, dizendo que ela não tinha tempo de educar seu filho. Eu disse a ela: eu nunca eduquei meus filhos. Ela ficou parada me olhando. Eu falei: só vivi com eles. Porque educar filho não é dizer olha, filho, agora vou te ensinar normas, nada disso. É o cotidiano, o jeito de os pais serem que vai de alguma maneira ser repetida, vai aparecer nos filhos. De alguma maneira, não sei como, é preciso que os pais tomem consciência de que eles são importantes para os filhos.

O aprendizado se estabelece como vivemos no cotidiano com as crianças, não há como ensinar respeito, amor, colaboração, limites, valores, entre outros, se enquanto adulto nas relações não é estabelecido esta forma de convivência, não é pelas palavras, pelo que falo, e sim mostrando através de atitudes, de viver com as crianças. Luna mostra seu ponto de vista em relação a essa educação terceirizada,

Educação no meu ponto de vista é muito complicado, hoje está se perdendo um pouco as famílias estão achando que a educação é só na escola e aí fica só para escola a parte de colocar limites e dizer o que é certo, que é errado, que não pode bater no coleguinha. As famílias acham que vem pequeno não tem que explicar, não tem que respeitar o coleguinha, a professora, que não pode tomar o brinquedo, acabam deixando porque a família acha que a escola tem esse papel, só que tem que ser uma consequência da outra. Porque os limites tem que ser a família, a escola também só que vem para aprimorar o trabalhado em casa só que isso está se perdendo.

Cada vez mais estamos retrocedendo no contexto educacional, nossa educação está pautada pela verticalidade de poder, em que as crianças/alunos precisam seguir as regras que são impostas e abstrair o conteúdo que o professor está ali para transmitir, o aluno é um receptor, e como diz o ditado popular “faça o que digo, mas não faça o que eu faço”. A escola por longo período construiu seus conceitos na autoridade, obediência, no saber absoluto, e posso dizer que no medo, desprezando que a criança é um ser humano que aprende na convivência, que é o principal protagonista de sua formação e também transformação.

Neste cenário da educação, muitos professores sentem a falta de valorização pela profissão, não tanto da parte salarial, mas de como está sendo visto pela nossa sociedade. O professor também é ser humano, com suas emoções, vivências e história, que com o desgaste do cotidiano e pressão da família e gestão, para que o mesmo tem que ser alguém que ensine conteúdos e se não realizar sua tarefa não é um “bom professor”, seu prazer de ser professor vai sendo substituído por frustrações, isto acaba com que o profissional adoença. Nas palavras da professora Luna:

Os professores deveriam ser mais valorizados, não tanto na parte financeira, mas na parte afetiva também, porque às vezes a gente cuida um filho de uma pessoa o ano letivo inteiro uma falha mínima eles esquecem tudo bem que tu fez aquele ano letivo. A gente precisa rever os valores na educação, quem é o professor, como estamos sendo vistos na sociedade. Nos consultórios psiquiátricos se tu for parar para ver quem está lá, são os professores, os professores estão adoecendo e não deveriam porque eles estão cuidando de criança e adolescentes. Ah! Mas às vezes a sociedade fala, trabalha de segunda à sexta, sim realmente o professor trabalha de segunda a sexta, mas tem todo um planejamento que é feito em casa, então tem que dividir esse tempo com os afazeres de casa, com marido, com filho e ainda tem que estar pensando nesse planejamento. Na nossa educação infantil trabalhamos com reciclagem, a gente faz todos os brinquedos em casa, a gente leva pronto. É como eu digo nem todos os professores são iguais, tem professores que deixam a desejar, como qualquer outra profissão.

Há esta mesma percepção da professora Bela, quando ela relata que:

Um reconhecimento do profissional é algo para o professor algo que realmente valorize, mas eu não vejo só na questão salarial, mas não é somente esse reconhecimento enquanto ser professora, aquele respeito. Antigamente ser professor é melhor coisa do mundo, parece que tu era o doutor, se tinha um status, e isso se perdeu a gente vê a desvalorização. Hoje a sociedade já vê o professor de uma forma bem diferente, não soa mais a palavra professor, não tem mais aquele respaldo, caiu por terra.

No momento de escolha da profissão muitas histórias se cruzam, e durante o percurso de graduação mais ainda. Há um encanto pela profissão, com muitas expectativas, sonhos, magia, porém quando confrontado com a realidade, gera muito medo e insegurança, pois o que muitas vezes nos é apresentado na teoria, na prática sua composição é diferente. Devemos ser profissionais em constante questionamento sobre aquilo que acreditamos e o que realmente ocorre na prática, pois assim podemos parar, refletir e retornar a trilhar o nosso caminho. Conforme Antunes, os professores que estão iniciando, como os que já tem alguma caminhada na educação “seguimos nos sentindo um pouco inseguros frente aos tamanhos desafios que a profissão nos impõe a cada amanhecer”(2011, p.178). De acordo com Dora,

Penso que o movimento precisa acontecer dentro de cada profissional da Educação, que precisam levar a sério o seu papel, refletir sobre sua prática e assim modificar/transformar esse processo alcançando assim, a formação de sujeitos mais ativos, críticos, reflexivos e transformadores. E com certeza Amar e Brincar são essenciais, para que tudo isso ocorra da melhor forma e tenhamos aprendizagens significativas, que fazem a diferença na vida de cada educando que faz/fez parte da nossa caminhada.

As nossas memórias (dês) afetivas desde a infância, como as figuras dos pais e de professores, marcam e são fundamentais para influências no processo de descoberta, na construção de uma identidade pessoal e profissional. Bela fez sua escolha de ser professora pelo exemplo que teve através de sua mãe que é professora, mas sua grande influência de ser uma professora amorosa e acolhedora foi sua primeira professora da pré-escola. Segundo Bela,

Eu amo ser professora, se tivesse que escolher outra profissão seria professora de novo, e minha faixa etária que estou hoje, a pré-escola, é meu chão, é o que eu gosto. Meu amor pela profissão talvez por ser a minha convivência diária a minha mãe que foi professora, mas eu acho que a professora do pré da gente a gente nunca esquece. Eu lembro até hoje que ela fazia umas coisas mirabolantes e não sai da minha cabeça o jeito, a forma dela tratar conosco ela era bem alegre, bem ativa sabe mas ao mesmo tempo ela sabia impor os limites ele conduzia tudo assim eu nunca esqueci sempre marca, porém a minha da primeira série peguei trauma ela gritava, era uma bruxa, depois de grande eu chegava atravessar a rua quando via ela, e como marca as relações.

Muitos valores permeiam o ser professor como: a honestidade, o amor, respeito, confiança, ética, liberdade, entre outros, Antunes reflete que “são esses valores que fornecem elementos necessários à construção de uma identidade

profissional, via memórias, que auxiliarão na construção de um profissional mais comprometido consigo mesmo e com os outros”(2011, p.212). Assim, nossas vivências e memórias se moldam e transformam pelo que queremos ser e de como trilhar nossa trajetória, frente as relações professores-alunos. Existem muitos significados construídos acerca desta profissão, e que levam muitos a questionar-se, até mesmo quem está no início de carreira, o sentido no seu fazer, muitas vezes precisamos retomar nossa história, olhar para o nosso interior, para redescobrir a magia e o desejo pela educação, “o professor precisa olhar a si mesmo e compreender-se como pessoa, como uma história de vida que precisa ser conhecida, que realizou trajetórias singulares na carreira docente” (ANTUNES, 2011, p.27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se você quer saber o
porquê
Há amor que não pode
mentir
O amor é forte Ele só se
importa em dar alegria.

Se nós tentarmos, nós veremos
Nesta bênção Não podemos sentir
medo ou temor Paramos de existir
e começamos a viver.

Assim sentiremos que sempre
O amor é suficiente para
crescermos
Então faça um mundo melhor
Faça um mundo melhor.

[...]

E o sonho no qual fomos concebidos
Revelará um rosto alegre
E o mundo no qual uma vez
acreditamos
Brilhará novamente em graça
Então por que continuamos
sufocando a vida? Ferindo a
Terra, crucificando sua alma
Mas é claro ver
Que este mundo é divino, seja a luz de
Deus.

[...]

Cure o mundo em que vivemos
Você e para mim
Salve-o para nossas
crianças.
(MAICHEL JACKON⁹)

Inicio minhas considerações finais com a música *Healthe World (Cure o Mundo)*, de Maichel Jackson, que faz refletir que o amor é uma emoção congênita do ser humano, mas exaltamos as lutas, as guerras. O amor está sendo esquecido pelo homem, não somos empáticos para com o outro, estamos vivendo na era do egocentrismo, estamos existindo e não vivendo. Precisamos rever este estar no mundo, e a única maneira de salvá-lo é o amor, e não depositando em nossas crianças esta responsabilidade, pois o que está acontecendo é consequência de nossas atitudes e ações, e quem deve “curar” o mundo somos nós adultos para as nossas crianças.

A realização desta pesquisa produziu marcas e encontros ao longo do

⁹ Disponível em <<https://www.lettras.mus.br/michael-jackson/64241/traducao.html>> Acessado em 04/05/2020.

caminho percorrido. Mas esta caminhada ainda continua, esta pesquisa é um processo que se constrói com constante movimentação, novas descobertas e perspectivas para uma educação através do princípio do amar e do brincar conceituados por Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöllner.

Esta pesquisa foi alicerçada pelo sonho e por acreditar que existem sujeitos que proporcionam uma educação vivenciada no presente que não busca uma preparação para o futuro, onde o brincar é de forma livre para a criança crescer de forma integral, adquirir conhecimento sobre si, o outro e seu corpo, descobrir mundos e aprender, da mesma maneira o amar na educação para se estabelecer uma relação afetiva e na aceitação como seres singulares, protagonistas de sua história, e não seres como uma folha em branco.

Segundo Paulo Freire (1992, p. 91) “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”, precisamos sonhar, ter esperança para esta nova educação, para este novo olhar, devemos iniciar com uma transformação em nosso interior, nossas ações e ideais, uma mudança individual, assim ao conviver com as crianças e adultos, possamos plantar uma semente e regar para crescer e florescer novas mudanças, tornando-se seres humanos mais amorosos e generosos.

“Escritas nessas paredes estão às histórias, que eu não consigo explicar [...] A história da minha vida, eu dou esperança a ela¹⁰”. Durante o processo das entrevistas foi possível perceber que as vivências e experiências vão além da formação profissional. Há histórias que se cruzam e compõem o sujeito, e quando olhamos pelo espelho observamos que esses momentos de afetos escrevem e fazem parte da caminhada de cada professora.

As professoras entrevistadas na pesquisa acreditam em uma educação norteada pelo amar e brincar. Sendo que o brincar não é configurado como sinônimo de preparação para o futuro, à competição, com objetivos, ao contrário, há uma preocupação de como o brincar é vivenciado no ambiente escolar, destacando o mesmo para o pedagógico. O brincar está presente na vida das crianças desde outrora e evidencia-se sua relevância para o conhecimento e desenvolvimento integral.

Quando refletimos sobre a infância, remetemos as nossas experiências, uma

¹⁰ Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/one-direction/story-of-my-life-traducao.html>> Acessado em 04/05/2020.

fase do desenvolvimento muito marcante e essencial para o ser humano, lembro de quando brincava com minhas primas e amigas, na rua, brincadeiras como pega-pega, esconde objeto, de fazer comidinha, elefante colorido, entre outras, que não se visualiza mais na contemporaneidade. Hoje quando brinco com as crianças é como se regressasse ao meu passado, voltando a ser criança, vivenciando de forma livre, espontânea e estando presente.

O brincar faz parte da essência do ser criança, é a maneira como a criança lida com sua realidade, constrói seu mundo, aprende, desenvolve a criatividade e a fantasia. No ambiente escolar deveria ser um espaço que potencializa este brincar, pois muitas crianças permanecem a grande parte do tempo nas escolas, mas o que ocorre é uma negligência ao brincar, havendo uma troca do brincar por espaços com funções didáticas, pedagógicas e metodológicas, pensando aproveitar o tempo ocioso da criança na escola.

Não estamos dando a devida atenção ao brincar, as escolas e as famílias estão centradas em dar uma boa formação às crianças, para formatar sujeitos que correspondam as expectativas da sociedade competitiva e de padrões elevados, cidadãos bem sucedidos profissionalmente. Assim crianças permanecem por horas no ambiente escolar sentadas em classes, absorvendo o conteúdo que o professor esta transmitindo de forma inerte e concentrado. Renata Meirelles e Severino Antônio pontuam que a criança utiliza o seu corpo em sua totalidade para se concentrar, e desta forma que se cria e se aprende.

Nessa integralidade do seu corpo faz nascerem coisas e de alguma forma o mundo está trazendo a ela um outro discurso que é senta numa cadeira e numa mesa para se concentrar e separar, dividir esse corpo em dois para se concentrar. Se concentrar é quando você está com o seu centro é quando você se junta nesse seu centro.

A criança quando inserida nas escolas precisa se adaptar a este contexto, trocando o brincar pelos conteúdos, a imaginação e criatividade por respostas instituídas. Nossa educação remete a uma fabrica com produção em série, todos devem ser moldados iguais, perdendo sua singularidade, seu encanto, magia e cor. No curta de animação *Alike*, dirigido por Daniel Martinez Lara e Rafiki Cano Mendez¹¹, assinala que a correria cotidiana, o trabalho e a escola estão deixando o mundo cinza, na mochila da criança inúmeros livros didáticos, quase impossível de

¹¹ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=K4Foovfdb-E>> Acessado em 30/04/2020.

carregar pelo peso, este cotidiano faz com que o mundo se torne apagado, só há um espaço colorido, com músico no violino, natureza, mas que é despercebido por todos, exceto a criança que tenta mostrar estratégias para uma vida colorida, mas o colorido da criança também se torna cinza. Cada vez mais a escola é um espaço que poda a criatividade, a imaginação, devendo corresponder à sociedade e reproduzir o conteúdo. Este curta permite refletir sobre nossas ações na educação, em que o brincar, o amor conduz a um mundo mais colorido, não só na infância, mas em todas as fases do desenvolvimento humano.

Da mesma forma que o brincar, o amar é inato ao ser humano. Nascemos seres amorosos, mas estamos imersos em uma sociedade que exalta a competição, o ódio, o egoísmo, assim crianças que convivem com adultos nesta visão, tanto no ambiente familiar como no escolar, desenvolverão estas características. O caminho precisa tomar novos rumos, precisamos de afeto, de olhar o outro como sujeito que tem sua própria história. A reconstrução de um novo modo de viver no amar, deve partir de cada indivíduo a fim de que a convivência com sujeitos em nosso entorno se modifique também. Segundo Maturana e Verden-Zöllner (2004) “a vida que vivemos, o que somos e o que chegaremos a ser – e também o mundo ou os mundos que construímos com o viver e o modo como os vivemos – são sempre o nosso fazer”. Vivendo no amar, estaremos estabelecendo relações de respeito, empatia, seremos seres humanos mais alegres e livres.

O encontro com as ideias de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöllner sobre o amar e o brincar, permitiu deparar com minha história, vivências e esperança em uma nova Educação, mais amorosa, com o verdadeiro brincar livre e espontâneo, aonde a criança seja compositora de sua história, protagonista de seus desejos e não lapidada por adultos que até mesmo antes do nascimento já traçaram seu caminho. Tudo é possível quando acreditamos e unimos a fala com a ação. Quando deparamos com professoras que acreditam e estão trilando este caminho, acentua nossa esperança na construção de novos mundos de amor, paz e liberdade.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, H. S. **Ser Aluna e Ser Professora: um olhar para os ciclos de vida pessoal e profissional.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2011.
- BESSA, B. **Poesia que Transforma.** Rio de Janeiro: Sextante, 2018.
- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família.** Tradução Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AZZOLIN, M. A. N. **Pelo Caminho do Amar: Biologia do Amar e Biologia do Conhecer, gerando mundos na educação infantil.** 2019. 172 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.
- BARCELOS, V.; MADERS, S. **Humberto Maturana e a Educação: educar no amor e na liberdade.** Santa Maria/RS. Editora Caxias, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.
- CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto.** 3ªEd., Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DUARTE, R. **Entrevistas em Pesquisa Qualitativas.** Educar, n. 24, p. 213-225, Curitiba: Editora UFPR, 2004
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia: cotidiano do professor.** 5ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 14ªEd., São Paulo: Editora Paz e Terra; 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis.** Organização Ana Maria Araújo Freire. 1ªEd, São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.) **Método de Pesquisa.** 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6ª Ed., São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** 8ª Ed., Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- GUTMAN, L. **Una Sociedad Niñocêntrica – cómo una crianza amorosa puede salvar a la humanidad.** Buenos Aires: SUDAMÉRICA, 2018.

- LEJARRAGA, A. L. **O Amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8ª Ed., São Paulo: Editora Atlas, 2017.
- MATURANA, H. **La objetividad: Un argumento para obligar**. Chile: Dolmen Ediciones S.A. 1997.
- MATURANA, H. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. 3ª Ed, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena. 2004.
- MATURANA, H. **El sentido de lo humano**. Chile: Comunicaciones Noroeste Ltda. 2005.
- MATURANA, H.; DAVILA, X. **Biología del Conocer y Biología del Amar: desde la matriz biológica de la existencia humana**. Rev. Prelac. Fev. 2006.
- MOSÉ, V. **A Escola e os Desafios Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- ROMANELLI, G. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: Geraldo Romanelli; Zélia Maria Mendes Biasoli Alves. (Org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. 1ª Ed., Ribeirão Preto-SP: Ed. Legis Summa Ltda, 1998, p.119-133.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Editora Escola, 2015.
- SCHLICHTING, Homero. BARCELOS, Valdo. **Humberto Maturana: Amar verbo educativo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2012.
- STAVISKI, G.; SURDI, A.; KUNS, E. **Sem Tempo de Ser Criança: a pressa no contexto da educação de crianças e implicações nas aulas de educação física**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 113-128, jan./mar. 2013.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.
- VIANA, A. M. Infância Contemporânea: institucionalização e cerceamento. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 47-68, jul./dez. 2018
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Tradução José Otavio de Aguiar Abre e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WINNICOTT, D. W. **O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

- *Qual sua formação (instituição e ano de conclusão)?
- *Em que ano começou a trabalhar com a educação infantil?
- *Como foi esta experiência?
- *Você Brincou? Com quem Brincou? E como era realizado esse Brincar?
- *Você na fase adulta Brinca? Como?
- *Você percebe alguma diferença no Brincar de quando você era criança para a contemporaneidade?
- *Na sua turma as crianças brincam? Em quais situações?
- *O que se entende por Amar e Brincar?
- *Qual o significado de Educação para você?
- *Como é encontrado o Amar e Brincar na Educação?
- *Como estas questões são visualizadas e praticadas em seu contexto profissional?
- *Qual o modelo de educação você acredita para amar e brincar? Ele esta em vigência no momento?
- *O que precisa ser feito para o que você acredita torne-se realidade?



APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa denomina-se “Reescrevendo novos horizontes e possibilidades para a educação a partir do amar e brincar” e está vinculado ao Programa de Pós- Graduação em educação – Mestrado em Educação – da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. A pesquisa será desenvolvida por Luciéli Sodré de Moura, mestranda do Centro de Educa o, juntamente com seu professor orientador, Dr.º Valdo Barcelos.

O objetivo geral desta pesquisa  : “Investigar a importância do amar e brincar para o desenvolvimento integral da criança na Educa o a partir das proposi es de Maturana e Verden-Z ller”. Considerando como objetivos específicos: “pesquisar no âmbito da educa o infantil as concep es acerca do significado do amar e do brincar, para melhor compreender suas dimensões teóricas e práticas; Compreender a trajetória histórica da infância para entender o contexto atual; Investigar a relevância do amar e do brincar para o desenvolvimento integral da criança”.

A sua colabora o consistirá na participa o da realiza o da pesquisa, que será efetivada através de entrevistas semi-estruturadas de cunho mais livres e abertas. Os participantes da entrevista serão professores da Educa o Infantil de escolas públicas bem como de escolas particulares.

Nos encontros será utilizado um gravador para a grava o, de forma a ser possível analisar o material a posteriori. Solicitamos também sua autoriza o para apresentar os resultados deste estudo em eventos e publicar em revista científica nacional e/ou internacional.

Os nomes reais dos participantes da pesquisa serão preservados, assim como informa es que possam revelar a identifica o da/o participante. A participa o nesse estudo   voluntária, portanto não envolve custos aos participantes. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposi o para qualquer esclarecimento que considere

necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Solicitamos o seu consentimento de forma livre e esclarecida para participar desta pesquisa.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens citados acima apresentados eu, _____
_____(Nome do participante da pesquisa) de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa “Reescrevendo novos horizontes e possibilidades para a educação a partir do amar e brincar”. Após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido e da garantia de confidencialidade, bem como de esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Pesquisadora: Luciéli Sodré de Moura¹²

Pesquisador/Orientador: Dr.º Valdo Barcelos

Local e data: _____

¹²Contatos do Pesquisador: Email - lucielidemoura@hotmail.com. Fone: (55)99920-2189.